VIRGIL IERUNCA

O FENÔMENO PITEŞTI

VIDE EDITORIAL

O fenômeno Piteşti

Virgil Ierunca

O fenômeno Pitești

Tradução de Elpídio Mário Dantas Fonseca
a partir da 4ª edição

Conferência com o texto romeno:
Cristina Nicoleta Mănescu

Prefácio de François Furet

VIDE EDITORIAL

O fenômeno Piteşti
Virgil Ierunca
1ª edição — outubro de 2022 — CEDET
Título original: Fenomenul Pitești.
Humanitas, Bucareste, 1990.
Copyright © Humanitas, 1990.

Os direitos desta edição pertencem ao CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico Av. Comendador Aladino Selmi, 4630, Condomínio GR2 Campinas — módulo 8
CEP: 13069–096 — Vila San Martin, Campinas-SP
Telefone: (19) 3249–0580
e-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Editor:
Thomaz Perroni

Editor assistente:
Daniel Araújo

Tradução:
Elpídio M. D. Fonseca

Revisão:
Cristina Moraes

Preparação de texto:
Vinicius F. Azevedo

Diagramação:
Gabriela Haeitmann

Capa:
Guilherme Conejo

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo
de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Ierunca, Virgil.
O fenômeno Piteşti / Virgil Ierunca; tradução de Elpídio
Mário Dantas Fonseca — Campinas, sp: Vide Editorial,
2022

isbn: 978-65-87138-71-8
1. Hist. da Romênia. 2. Comunismo.
i. Título ii. Autor
cdd — 949.8000 / 000321.92

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Hist. da Romênia — 949.8
2. Comunismo — 321.92

VIDE Editorial — www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Sobre o autor

Virgil ierunca nasceu em 16 de agosto de 1920, em Lădeşti (Vâlcea). Fez os estudos de liceu em RâmnicuVâlcea e no Liceu Spiru Haret, de Bucareste. Obteve licença em letras e filosofia na Universidade de Bucareste. Paralelamente aos estudos universitários, foi redator no jornal *Timpul* [O tempo] (sob a direção de Mircea Grigorescu) e um dos fundadores da revista *Albatros* [Albatroz], suprimida pelo regime antonesciano. Juntamente com Ion Caraion, editou a revista *Agora* [Ágora] (em muitas línguas), suprimida pela censura comunista, em 1947. Colaborou nas revistas: *Fundațiilor Regale* [Revista das Fundações Reais], *Vremea* [A época], *Fapta* [Os fatos] *Viața Românească* [A vida romena], *Universul Literar* [O universo literário], *Kalende [Calendas],* etc.

Em dezembro de 1946 abandonou a Romênia, após obter uma bolsa do governo francês. Estabeleceu-se definitivamente na França, onde desenvolveu uma rica e fecunda atividade cultural. Entre os anos de 1952 e 1975, foi redator cultural no quadro das emissões para o estrangeiro da Radiodifusão Francesa ("Crônica de idéias") e redator político de emissões em língua romena. Foi, desde 1975, pesquisador no Centrul Național de Cercetare Ştiințifică (CnCs) [Centro Nacional de Pesquisa Científica], seção de filosofia, e colaborador da emissora de rádio Europa Liberă.

No exílio, sob a égide de Mircea Eliade, redigiu a primeira revista romena de literatura, *Luceafărul* [A estrela Vésper]; a ela se seguem outras publicações: *Caete de Dor* [Cadernos de saudade], *România Muncitoare* [Romênia trabalhadora], *Limite* [Limite], *Ethos*. Colaborou ativamente também em outros jornais e revistas romenas do exílio. Elaborou artigos acerca da cultura romena em diferentes dicionários e enciclopédias da França e da Alemanha, dentre os quais mencionamos: "Literatura romena", em

Encyclopédie de la Pléiade (Gallimard, Paris, 1957; Ed. II , 1968); "Literatura romena", em *Histoire générale des littératures (Quillet, Paris, 1961);* "Escritores romenos*",* em *Dictionnaire des littératures* (Presses Universitaires de France, Paris, 1968); "Literatura romena", em *Lexikon der Weltliteratur im 20 Jahrhundert* (Freiburg, Basel, Viena, 1961); "Escritores e pintores romenos", em *Dictionnaire général du surréalisme et de ses environs* (Office du Livre, Fribourg, 1982).

Livros publicados em língua romena: *Româneşte* [Em romeno] (Fundația Regală Universitară "Carol I ", Paris, 1964 e Editora Humanitas, Bucareste, 1991); *Piteşti* (Editura Limite, Madrid, 1981) e, sob o título *Fenomenul Piteşti* [O fenômeno Piteşti] (Editora Humanitas, Bucareste, 1990); *Subiect şi predicat* [Sujeito e predicado] (Editora Humanitas, Bucareste, 1993). Edições críticas (Al. Busuioceanu, G. M. Cantacuzino etc.), versos em antologias publicadas no exílio.

Morreu em 28 de setembro de 2006, em Paris.

"O problema principal é o de vencer a amnésia. Tem-se de pagar tudo, de outro modo não há futuro. [...] A perda da verdadeira memória equivale a uma perda do sentimento do real. [...] O passado não pode ser falsificado. [...] Cada um dos que foram exterminados têm, ainda, o que dizer".

NADEJDA MANDELSTAM

À memória de Ovidiu Cotruş, sem o qual estas linhas não teriam sido possíveis.

Prefácio [1]

Os acontecimentos que apresentamos aqui se dão em Piteşti, Romênia, a cerca de cem quilômetros de Bucareste, numa prisão relativamente moderna, construída entre as duas guerras. O regime comunista, recém-instalado com a ajuda das tropas soviéticas, abrigou aqui, pela sua autoridade, a experiência penitenciária que Virgil Ierunca reconstitui. O que aconteceu ali, entre 1949 e 1952 — completamente ignorado pelo Ocidente —, merece um lugar à parte no repertório assustador dos horrores concentracionários do século xx .

Nesse período, estão cheias as prisões. O canteiro penal do Canal Danúbio-Mar Negro inaugurou, por outro lado, o *Gulag* romeno. Os partidos, com exceção do comunista, foram proibidos pouco tempo antes, e a polícia política domina de maneira absoluta. Fizeram-se milhares de prisões e deportações, sem falarmos de assassínios. Em Piteşti, são detidos sobretudo jovens, estudantes, alunos de liceu, presos por diversos motivos, mas todos suspeitos de "pensamento desleal". A prisão tornar-se-á o lugar de sua "reeducação" política e moral. Serão espancados, humilhados, torturados até que declarem por si mesmos que se lamentam e que mudaram: passaram a ser "homens novos".

A idéia de reeducação pela prisão não é específica dos regimes comunistas. Antes de ser um elemento da panóplia revolucionária, faz parte da moral social burguesa, aplicada com o escopo de reinserir o delinqüente ao lado dos "homens honrados". Não obteve nunca resultados espetaculosos, nem teve, porém, naquele quadro, ambições universais. Ao contrário, a reeducação revolucionária propõe a si mesma reinventar a humanidade em geral: sua tragédia penitenciária pode ser deduzida exatamente deste projeto messiânico, porque a revolução faz habitar as prisões

com seus próprios adversários políticos, fazendo desta população gigantesca seu objeto pedagógico totalitário.

A experiência, de uma violência absolutamente dirigida contra o corpo e a alma, já acontecera na URSS , ao menos no que diz respeito à tortura e à obtenção de confissão, que caracteriza os interrogatórios e os processos dos anos 1930: a idéia de reeducação está presente, em maior ou menor escala, no imenso terror stalinista, de tal forma que é consubstancial com o valor dado ao reconhecimento pelo acusado de seus próprios erros e faltas. Mas ela ocupará um lugar ainda mais importante na China de Mao Tsé-Tung, assim como nos é descrita por Jean Pasqualini,[2] tão importante é o papel que exerce a confissão pública feita pelo detento e a verificação interminável da sinceridade de seu arrependimento.

O *fenômeno Piteşti* pertence ao mesmo repertório, ao qual vem, no entanto, com um traço específico: a utilização sistemática de torturas dos detentos feitas por outros detentos. A idéia cabe ao pedagogo soviético Makarenko (1888-1939), especialista em delinqüência juvenil e partidário da reeducação dos detentos jovens com a ajuda dos detentos mais antigos, encontrados no bom caminho, mas fazendo parte da mesma classe de idade. As autoridades se valem, na aplicação da "teoria", de um desses arrependidos, Eugen Ţurcanu, jovem fascista que se tornou comunista em 1944, preso em 1948 e detido em Piteşti, onde dá vida a uma organização de detentos com convicções comunistas. Depois da aprovação da condução do projeto do General Nikolski por parte do Partido Comunista, o chefe da Securitate, Ţurcanu, teve carta branca para, em nome da reeducação, dar curso no interior da prisão a um terror absoluto.

Virgil Ierunca conta uma das mais cruéis experiências de desumanização que já conheceu nossa época. Os detentos eram torturados com um sadismo deveras extravagante — se é que o sadismo pode ser assim. Na última fase do ciclo, como prova de

suas conversões profundas, os infelizes eram forçados a torturar seus melhores amigos. Excetuando o pequeno grupo originário reunido por Ţurcanu, que constituiu apenas o círculo dos carrascos, todo mundo em Piteşti foi, ao mesmo tempo, vítima e carrasco; todo mundo foi torturado, todo mundo torturou. Os mortos ali e os que sobreviveram foram privados até de sua própria infelicidade.

Virgil Ierunca teve a coragem de entrar neste inferno e de fazê-lo histórico, para a edificação das gerações futuras. O século das luzes pensou com obstinação no homem em sua liberdade de antes, a de antes da sociedade. O nosso século, o século xx , obriga-nos a ver no homem social a presa de uma barbárie coletiva.

FRANÇOIS FURET

(tradução do francês para o romeno de S. Skultéty)

O fenômeno Pitesti

Encontramo-nos sempre sob o signo de George Orwell, que — sabemo-lo todos —, em seu livro *1984*, punha entre os instrumentos-chave do Estado comunista o Ministério da Verdade, destinado a reescrever, a cada dia, a História. Nos crematórios deste ministério desapareciam, instante a instante, não apenas os documentos verdadeiros acerca do passado, mas também as versões sucessivas do poder.

Desapareciam e desaparecem. O que se chama no Leste *dissidência* define-se, em primeiro lugar, através do apelo à memória, do arrancar de documentos ao crematório desse ministério, do metamorfosear-se das cinzas em fatos. Soljenítsin não reconstituiu de outra forma o *Gulag*; recolheu testemunho após testemunho, com os riscos que sabemos, à sombra de um

Ministério da Verdade que continuava a peneirar o passado e a história segundo vícios enraizados.

Todo o mundo conhece hoje o *arquipélago Gulag*. Todo o mundo sabe ainda que, sob a denominação possível de "Arquipélago MAI" ,[3] ele estendeu-se também pela Romênia. Mas o que não chegou — ainda — ao conhecimento de todos é que, no Arquipélago romeno, houve uma ilha de horror absoluto, como não houve outra em toda a geografia penitenciária comunista: *a prisão de Piteşti*.[4] Aí começou, em 6 de dezembro de 1949, uma experiência de originalidade sombria, denominada *reeducação,* visando à destruição psíquica do indivíduo. Esta experiência, que durou até agosto de 1952, estendendo-se também a outras prisões da Romênia, foi ainda mais encoberta pelo silêncio, e mais mergulhada no esquecimento do que os outros crimes realizados nas prisões do país, principalmente por dois motivos. Primeiro, a censura oficial funcionou tanto mais drasticamente quanto o processo com os bodes expiatórios que, encenado pelos comunistas, não pôde ser muito bem-preparado para realizar-se à luz do dia, e dar crédito à versão desejada pelo Partido.

Depois, e aqui está, sem dúvida, a chave do silêncio, as vítimas da reeducação foram forçadas a tornar-se, a seu turno, carrascos. Ora, o carrasco — mesmo contra sua vontade e natureza — não se apressa nunca em testemunhar seus crimes. Ao longo da experiência de Piteşti, a categoria de testemunha inocente foi pura e simplesmente suprimida.

No entanto, certo murmúrio subterrâneo circulou nas prisões da Romênia acerca da reeducação em Piteşti. O livro de Dumitru Bacu, o primeiro documento acerca de Piteşti, e que continua sendo uma referência, é constituído desses testemunhos individuais, em migalhas, transmitidos no boca-a-boca, de orelha a orelha, pelas prisões; sem uma visão de grupo, impossível de haver até então, mas que tem a imensa qualidade da autenticidade (Dumitru Bacu foi ele mesmo detento político, sendo suas fontes

de primeira mão) e da boa-fé. Só que ele foi publicado em 1963 na edição romena (e, mais recentemente, em inglês, nos Estados Unidos), quando muito poucas testemunhas diretamente implicadas se tinham decidido a falar. Destarte, propomo-nos a completá-lo — continuando assim a nos referir a ele — num dossiê acerca da reeducação em Piteşti que nos chegou, mais recentemente, do país. Pode ser que, acerca de alguns pormenores, haja ainda incertezas ou aproximações nesse dossiê — e como poderia ser de outro modo, dadas as condições em que foi conduzido, no país, tal tipo de inquirição? —, mas ele nos parece abarcar, no entanto, o essencial.[5]

Antes de entrar na substância viva e intolerável da experiência de Piteşti, estabeleçamos-lhe o esquema prévio.

Encabeçada por Nikolski, general, comandante supremo da Securitate romena por dezesseis anos (aposentado, lamentava que o regime não lhe reconhecia os méritos), a Securitate colocou em ação um plano para a liquidação da resistência moral dos jovens detentos políticos, valendo-se de um núcleo de detentos conduzidos por Eugen Ţurcanu, que passaria a pôr em prática, no domínio do direito comum, as conhecidas teorias de Makarenko. O infrator, consciente de que é um elemento desclassificado, que não tem outra salvação senão o apoio do Partido, toma sobre si o fardo de reeducar outros, que estão na mesma situação que ele, e de pô-los no bom caminho. De fato, *O poema pedagógico* de Makarenko traduz-se pela aplicação da tortura ininterrupta. Tortura, naquela época, era a regra em todas as prisões da Romênia. Mas, voltando do interrogatório, o detento ou se encontrava só na cela — tendo ocasião de voltar a si —, ou era cuidado, encorajado pelos outros detentos. A reeducação constava, muito simplesmente, em pôr o torturador na mesma cela com o torturado e não permitir nenhuma pausa. Malraux dizia algures que ninguém pode resistir à tortura incessante, mas não sabia então que na Romênia haveria de ser encontrado o segredo

do sucesso pleno: era suficiente que os detentos fossem colocados a torturarem-se uns aos outros.

*** Quando cessou o *fenômeno Piteşti*, em 1952, tinha de ser encontrada, ao menos, uma explicação para se estabelecer uma responsabilidade. Encenou-se o clássico processo com bodes expiatórios somente em 1954, e tão mal encenado que, no último instante, renunciou-se à publicidade prevista inicialmente. No processo, foram implicados entre os detentos-torturadores apenas os que tinham sido legionários — eliminando-se dois sionistas, um membro do Partido Camponês etc. —, para se representar a seguinte versão: para ferir o regime comunista, Horia Sima teria transmitido a alguns legionários das prisões a ordem de introduzir uma ação de terror. Valendo-se da falta de vigilância, certamente lamentável, de alguns órgãos da administração penitenciária de Piteşti, esses legionários instituíram na prisão uma série de ações de tortura, e o Partido e o governo, conscientes da gravidade dos fatos, no momento em que desmascararam as tramas sórdidas deste grupo fascista, levaram-nos às barras dos tribunais e à Procuradoria Geral da República.

A versão era tão aberrante — como convencer alguém de que o chefe de um movimento dá ordem de serem liquidados os membros dele? — que se renunciou à publicidade prevista inicialmente em jornais. A versão não foi mais trabalhada senão nas prisões, sem muita insistência, sendo difícil explicar a um detento que conhece na própria pele a vigilância constante dos guardiões que, nas celas de Piteşti, se pudesse torturar ininterruptamente, sem que a administração penitenciária fosse avisada. Em *Piteşti*, Dumitru Bacu relata uma conversa que teve no inverno de 1956, antes de ser libertado, com um diretor-geral do Ministério dos Assuntos Internos, que lhe disse o seguinte:

> É uma questão bem simples, sem dúvida. Um grupo de estudantes presos, agentes do imperialismo americano, místicos fanáticos e retrógrados, conseguiram torturar os outros colegas para comprometerem a direção das prisões e, assim, o Partido. [...] Tinham recebido as disposições do exterior, dos que estão no estrangeiro, e dirigem as

equipes de espiões e sabotadores: queriam, no momento adequado, acusar o Partido de ser o iniciador e, portanto, o culpado.

Como não se tratava de um interrogatório propriamente dito, mas antes, de uma discussão, Dumitru Bacu se permitiu replicar:

Parece, no entanto, incrível. As prisões têm um sistema de vigilância interior muito estrito. Como foi possível acontecerem os horrores de que o senhor fala sem que o ministério interviesse imediatamente?

A resposta vem, como sabida de cor:

Nós não soubemos nada das coisas que aconteceram ali. Quando descobrimos, tomamos as medidas necessárias... Os culpados foram punidos exemplarmente...

Dumitru Bacu não se conteve e interveio de novo:

Eu sou detento há quase sete anos. Passei por quase todas as penitenciárias do país, seja isolado, seja em celas comuns. Nunca pudemos fazer o menor gesto sem sermos vistos pelos vigias do corredor. A vigilância rigorosa a que éramos submetidos tornava impossível a utilização de uma agulha sem o consentimento do guarda. Como puderam acontecer todas essas coisas sem que os oficiais políticos fossem imediatamente avisados pelos guardas? Será que, em todas as prisões onde aconteceram atos desse tipo de que o senhor falava, não houve ninguém de confiança que pudesse colocar o senhor a par das coisas ali acontecidas?

De novo uma resposta aprendida antes:

A direção das prisões estava nas mãos de oportunistas, inimigos do povo, que se insinuaram em suas redes exatamente com a intenção de fazer o mal. Estes trabalharam junto com os bandidos. Mas foram punidos também, como mereciam.

Desta vez, Dumitru Bacu se cala e comenta apenas em pensamento:

Eu não lhe disse tudo o que fiquei sabendo da experiência. Nem o fato de que aqueles que dirigiam as prisões, considerados pelo senhor como “oportunistas”, não apenas não tinham sido punidos, mas tinham recebido promoções em grau e função. Nem que, antes de passar para Gherla, Ţurcanu apresentara o famoso memorial exatamente ao ministério do qual fazia parte. Também não falei que, com base nas declarações arrancadas em desmascaramentos, tinham sido julgados dezenas e dezenas de processos, e que essas declarações tinham passado antes pelo ministério, nem mencionei tantos outros pormenores de que todos tinham conhecimento para os relatar em tempo útil, mas não tinham tomado nenhum tipo de medida.

Reencontramos esta versão no romance *Caloianul,* de Ion Lăncrănjan, em que um legionário diz estas coisas à personagem principal, o escritor Ghețea:

> Dissera-lhes, depois disso, como tinham sido massacrados seus antigos camaradas, principalmente em certo período, entre 1949 e 1953, o mais difícil, como dizia ele. — Não te dou os nomes das prisões, nem muitos pormenores te dou, mas ali, senhor Ghețea e querido amigo, também aconteceram tragédias! O diretor de certa prisão iniciara e formara, com aprovação ou sem, ainda não se sabia — "o caso está em inquirição, de quanto sei" —, um tipo de comando: colocara a um deles chefe dos outros, metera-os na auto-administração, como dizia ele. No começo, as coisas eram interessantes, criara-se certa liberdade interior, mas, depois disso, depois de dois ou três meses, tornou-se manifesto que tudo se entortara, porque tinham começado as autocríticas por causas variadas, pequenas no começo, maiores depois disso... Entrara a discórdia entre nós, a discórdia da traição e da suspeita. E começamos a nos esfarelar, como se esfarela a terra que se congelou com muita água nela. Assim aconteceu conosco. E eles, senhores e chefes da prisão, não diziam nada. Não se misturavam diretamente. Indiretamente se misturavam, muito até. Lançavam boatos falsos no que dizia respeito a um dos nossos, introduziam-nos uma serpente no peito, incentivavam mais ainda o aumento da discórdia e da desconfiança entre nós. E ficavam e olhavam depois. E esperavam os resultados, que eram graves, cada vez mais graves, porque nós saíramos da auto-administração para o auto-extermínio.

Ion Lăncrănjan renuncia, portanto, a uma parte da versão oficial com a ordem vinda do estrangeiro, de Horia Sima, e a inocência das autoridades competentes que não teriam sabido de nada. Em troca, sob a inspiração constante do Partido Comunista, mantém a tese do fenômeno tipicamente legionário de Piteşti. Outra personagem de *Caloianul* diz a Ghețea:

> Ora, os guardas eram, na maioria deles, um ajuntamento de trogloditas aventureiros, homens sem eira nem beira, ralé e farrapo social. Por isso prestaram-se a atrocidades quando da rebelião, porque não tinham nada de santo, não tinham nenhum credo, nenhum suporte moral! E, na prisão, em seguida, roeram-se e massacraram-se pelos mesmos motivos. [...] Os extermínios de que falava Vicențiu, os auto-extermínios, de fato, existiram, praticaram-se. Mas não foi apenas isto. Houve mais, e outras coisas mais cruéis, e quiçá mais características para certo tipo de organização extremista, paramilitar, como disciplina. Uma delas se refere à delação, à alcagüetagem, mas não como incidente, e sim como um sistema de trabalho e de existência, com possibilidade de te salvares.

Ora, o *fenômeno Piteşti* não foi um fenômeno tipicamente legionário. Não foram os legionários os que se autogeriram e se auto-exterminaram entre si. Piteşti, em 1949, era uma prisão

reservada à juventude, mais precisamente a estudantes que ainda não tinham diploma nem licença. Entre eles, boa parte eram legionários, pertencendo o resto a todas as formações políticas. Nikolski é aquele que iniciou ali uma operação de destruição psíquica dos detentos, servindo-se da ambição ilimitada e do espírito demoníaco de um detento que fizera parte um tempo das "irmandades da cruz", mas que passara rapidamente para o lado dos comunistas e começara uma carreira brilhante no Partido: Țurcanu. Este preparou uma equipe de detentos, dentre os quais alguns outrora tinham feito parte de uma organização de juventude legionária, outros, não. Entre os legionários do grupo de Țurcanu encontravam-se: o Padre Alexandru, dito Padre Țanu, Livinski, Mărtinuş e Nuți Pătrăşcanu. Mas, igualmente importantes eram também os não-legionários Titus Leonida (de uma organização nacional-camponesa), Fuchs e Steier (ou Steiner), judeus presos por atividade sionista. Nem eles, nem outros torturadores de Țurcanu, de mais tarde, foram implicados no processo, para não macular a homogeneidade da lenda. Então, não foram julgados no processo dos reeducadores: Bogdănescu, o torturador do Canal; Enăchescu, que torturou seu próprio tio até que este cuspisse sangue; Titus Leonida; Dan Diaca, este praticava um golpe célebre no fígado, que te fazia perder imediatamente a consciência, dizia-se dele nas prisões "o golpe Diaca"; Cori Gherman, socialista, vindo por volta de 1945 e 1946 do estrangeiro, e um dos mais cruéis reeducadores. Ao lado de Fuchs e Steier, todos estes foram eliminados do processo para não ficarem no caminho da versão oficial.

O escopo da Securitate, iniciando a reeducação de Piteşti, não era apenas o de derrubar as forças vivas de um movimento político — qualquer que tivesse sido ele —, mas também de aniquilar metodicamente, e sem possibilidade de recuperação, a força de oposição da totalidade da juventude detida.

Eram as seguintes as vantagens imediatas ou mais remotas: primeiro, o completar do interrogatório através das denúncias dos

detentos, obtidas sob tortura ininterrupta, e a possibilidade da prisão de outros oponentes ainda em liberdade. Depois, a ligação dos detento-torturadores entre si, pela cumplicidade do crime. O princípio é simples, encontramo-lo em *Os demônios*, de Dostoiévski, e, com razão, os que conheceram Țurcanu puderam compará-lo com Verkovenski. Stavrogin, adivinhando-lhe o pensamento, diz a Verkovenski que prepara o assassínio de Chatov pela pequena organização de revolucionários: "Faça com que quatro membros do seu grupo matem o quinto membro, pretextando que ele é espião, e assim que derramarem sangue, estarão ligados. Tornar-se-ão seus escravos, não se atreverão a rebelar-se, nem a exigir contas".[6]

No final — repitamos —, do momento em que o torturado, a seu turno, tortura, desaparece sua qualidade de vítima. Ninguém mais testemunhará, porque todos foram ligados entre si pela tortura. Não existe nenhum detento do tempo do *fenômeno Piteşti* (com exceção dos que morreram sob tortura) que não tenha cumprido o que se lhe pedia, de outro modo não poderia escapar. Ora, na última fase de reeducação se lhe pedia que torturasse seu melhor amigo. É certo que existiram casos, extremamente raros, em que, por necessidade de interrogatório, um detento ou outro era arrancado da reeducação, levado a Bucareste e mantido ali, em interrogatório, até quando o processo de reeducação terminasse. Mas, entre os que permaneceram em Piteşti, ninguém pôde sair de mãos limpas. Por isso, é bom, antes mesmo de passar à descrição das coisas acontecidas em Piteşti, entender-se que, por esta experiência — uma das mais inumanas das que já foram registradas numa possível antologia do sadismo —, não podem ser acusados senão os que a iniciaram: as autoridades comunistas, de um lado, tendo à frente Nikolski, os primeiros executantes; de outro lado, o grupo de cerca de vinte detentos, tendo à frente Eugen Țurcanu, que começaram a torturar, *sem terem sido* eles mesmos torturados antes.[7] A todos os outros, transformados em carrascos depois de terem sido vítimas, quem pode ter o direito de

julgá-los? Assim, um estudante de Timişoara, que era, segundo os relatos de seus professores e colegas, não apenas um violinista muito bom, não apenas um fino literato (sabia recitar de cor Saint-John Perse), mas também alguém de natureza sensível, quase feminina, de uma pureza de alma extrema, depois da reeducação de Piteşti, chegou a ser um dos torturadores mais ardentes e foi condenado à morte no processo Țurcanu. A mãe dele ouviu que o rapaz se portara admiravelmente na prisão — e que teria sido morto exatamente por causa de sua rebeldia e dignidade. Em todo seu sofrimento, isto lhe era uma consolação. Até que, certo dia, alguém lhe disse a verdade, ou parte dela. Desde então, a mulher nada fazia senão andar de casa em casa, procurando ex-detentos, esperando loucamente que num dia alguém lhe dissesse que aquilo não era verdade.

E teria de encontrar alguém, não que lhe mentisse, mas que lhe mostrasse que, uma vez ultrapassados certos limites do sofrimento, o homem já não pode continuar a ser homem. O que quer que acontecesse então, continuaria a ser vítima. O julgamento detém-se neste limiar do inumano que foi Piteşti para as vítimas que se tornaram carrascos. Ao contrário, os que iniciaram a experiência, as autoridades comunistas e os primeiros executantes, têm a responsabilidade por todos os outros.

A todos os outros temos de nomear antes de começar a descrição da reeducação em Piteşti.

Da parte das autoridades comunistas: primeiro, Nikolski, comandante supremo da Securitate até por volta de 1960 e 1962 e, segundo todas as testemunhas, o mais cruel torturador desse tempo; com aqueles seus dois ajudantes: o Coronel Dulgheru e o Coronel Sepeanu, ambos de Bucareste. Este último esteve no *front* na Rússia e teria sido desmascarado por matar comunistas por lá. Condenado e reabilitado, foi o responsável pela tentativa de estender a experiência de Piteşti à prisão-hospital de Târgu Ocna.

Em Piteşti, em primeiro lugar, o diretor, o Capitão Dumitrescu. Entre os "civis" da cidade, tinha a reputação de um homem muito fino e as pessoas até se admiravam de que um homem tão delicado, bom dançarino, elegante, de boa presença, que jogava bem *bridge*, tivesse uma função tão incompatível com sua natureza... sensível. Depois de ter fim a reeducação em Piteşti, Dumitrescu foi transferido para a prisão de Mărgineni. Do que aconteceu ulteriormente, circulavam na prisão boatos incertos. Então, depois de um ano ou dois do processo de Ţurcanu, a presença de Dumitrescu teria sido assinalada na prisão de Văcăreşti. Alguns dizem que o teriam ouvido gritar na cela: "Saibam que tudo se paga neste mundo!". Depois, não se lhe achou pegada nem se soube de nenhuma sentença de condenação que a ele dissesse respeito. Teria sido eliminado como alguém que sabia demais? Havia ainda, na prisão de Piteşti, o Lugar-Tenente Político Marina. Para ele, as reuniões de tortura constituíam um verdadeiro alimento de alma. Passava horas olhando pela vigia e deleitava-se principalmente nas reuniões de blasfêmia anticristã. Dele também não se soube nada depois de sua transferência para a prisão de Braşov.

Enviado diretamente do Ministério de Assuntos Internos para Piteşti, para recrutar detentos reeducados para o Canal, o Coronel Zeller, da Direção-Geral das Penitenciárias, andava vestido em uniforme de milícia, embora pertencesse à Securitate. Depois de Ana Pauker ter caído em desgraça,[8] ter-se-ia suicidado, escolhendo um cemitério para dar um tiro na cabeça.

Da parte dos detentos: Eugen Ţurcanu. Os que o conheceram, caracterizam-no principalmente pelo espírito demoníaco, uma inteligência acima do comum e a vontade de afirmação por todos os meios. Ainda desde o liceu, Ţurcanu procurava satisfazer sua vontade de poder, e os grupos de jovens legionários lhe pareciam os mais aptos para o escopo que, consciente ou não, perseguia. Fez parte, entre 1940 e 1941, das "irmandades da cruz", mas por muito pouco tempo, porque imediatamente depois de os

legionários entrarem na ilegalidade, rompe qualquer ligação com eles: não tem nenhuma vocação para enfrentar as perseguições. Ao contrário, imediatamente depois de 23 de agosto, Țurcanu está entre os primeiros que se inscrevem no Partido Comunista. Ótimo estudante de direito, é um dos agitadores de massa do Partido, muito bem-visto pelos órgãos locais, e, em 1948, torna-se membro no comitê distrital do partido de Iaşi. Enviado para Bucareste a uma escola de diplomatas, faz-se notar não apenas por seus estudos excelentes, mas também pelo papel de informante que assumiu com entusiasmo. Parece que dois estudantes de direito foram obrigados a sair da universidade por causa das suas denúncias: o mais tarde filósofo Titus Mocanu e o escritor Aurel Pintilie. Mas a carreira de Țurcanu, que se anunciava brilhante — estava programado para ser mandado para Berna — é interrompida bruscamente por um acontecimento que não mudaria apenas a sua vida. Nas "irmandades da cruz", Țurcanu conhecera Bogdanovici, legionário que continuara a atividade política também na ilegalidade, em razão do que não terminara os estudos (não é certo nem sequer se passara no exame de admissão, embora tivesse mais idade). Em 1945, Bogdanovici, que conduzia o Centro Estudantil de Iaşi, lembra-se de um ex-irmão de cruz, que conhecera no liceu: Țurcanu. Convocado, este lhe diz categoricamente que entrou no Partido Comunista e já não quer saber do passado, e acrescenta que não os denunciará à polícia com a condição de os legionários nunca falarem dele. A convenção é respeitada, assim, por Bogdanovici e por aqueles ao seu redor que sabiam da existência de Țurcanu. Depois que são presos os legionários das centrais estudantis de Bucareste, Cluj, Iaşi e Timişoara, em 15 de maio de 1948 — numa daquelas noites longas policialescas, quando, até o Sol nascer, circulavam os camburões para cima e para baixo da Romênia —, um dos jovens do Centro Estudantil de Iaşi confessou, porém, na Securitate, sob tortura, que de um encontro com Bogdanovici, entre 1945 e 1946, teria participado também Țurcanu. Foi o bastante para este ser detido e encarcerado em Suceava, e implicado no processo do lote Bogdanovici. Țurcanu não esqueceria nem perdoaria: Bogdanovici

viria a morrer, torturado por ele, quando da reeducação em Piteşti.

Em Suceava, onde é conhecido, assim, tanto do Partido como da Securitate, manifesta-se para com Ţurcanu uma notável boa-vontade. Não é posto com os outros detentos, tem uma cela separada, é empregado como ordenança, promete-se-lhe que no processo se lhe darão circunstâncias atenuantes e uma pena leve, com suspensão de seu cumprimento, de tal modo que possa retomar, em liberdade, o quanto antes, certamente não no mesmo nível, a atividade de membro de partido. Nessa época, na prisão de Suceava desenrola-se uma espécie de ação de reeducação, mas por via totalmente pacífica. Bogdanovici, que tem todo tipo de consciência pesada porque implicou uma grande quantidade de pessoas, aceita a proposta de ler para seus colegas de detenção livros marxistas, fazendo um tipo de doutrinação ideológica na cela. Alguns estudantes o seguem, outros o declaram traidor. Ţurcanu não toma parte na ação. É ordenança no corredor e segue dali tudo o que acontece na cela, provavelmente informando as autoridades acerca da maneira como se desenvolve a experiência. Mas o processo do lote Bogdanovici não é julgado pelos comunistas, mas pelos velhos magistrados militares, os mesmos talvez que o tinham julgado antes dos comunistas e que agora se esforçavam para conseguir condições de serviços melhores, para serem mantidos pelo novo regime. Assim, aplicam, sistematicamente, a pena máxima do artigo previsto. Destarte, Bogdanovici é condenado a vinte e cinco anos de trabalhos forçados, e Ţurcanu, a sete anos de prisão correcional. Desabaram-se-lhe todas as esperanças de se reabilitar rapidamente. Introduzido na cela com os outros, Ţurcanu integra-se ao grupo de Bogdanovici, passando a ser mesmo uma espécie de seu adjunto na reeducação marxista, que este continua, para não dizer que fora oportunista e começara esta ação apenas para receber uma pena mais leve. No entanto, Ţurcanu não pode contentar-se com um papel de ajudante. Nas discussões, distingue-se por um papel de intransigência interpretativa, passando a ser o

mais leninista do grupo e atacando não apenas uma vez a Bogdanovici pelas suas interpretações oportunistas, kauchkistas. Vai mais adiante e põe em dúvida a sinceridade da reeducação de Bogdanovici, começando a compor seu próprio grupo.

Em Suceava havia uma penitenciária para detentos à espera de julgamento ou em prisão disciplinar, com celas individuais para os que, em outras prisões, se tinham mostrado irrecuperáveis (aqui morreu o mais heróico "alcagüete" da Romênia, Luca Damaschin; por dois anos simulara ser informante do Coronel Koller, para salvar da morte — dando-lhes suprimentos de alimento na sua condição de guarda — muitos detentos de Aiud. Descoberto, também ele foi transferido disciplinarmente para Suceava).

De Suceava, todo o grupo Bogdanovici é então embarcado num dia, para ser levado a uma prisão de execução e, em trânsito, pára em Jilava. Aqui, Ţurcanu desaparece por muitos dias. Na volta, finge que esteve num interrogatório suplementar. De fato, fora levado ao Ministério de Assuntos Internos, para entrevistas diretas com Nikolski, para preparar outro estilo de reeducação. Ţurcanu tinha, ainda em Suceava, cerca de dez alunos totalmente devotados a ele, e estavam prontos a entrar em ação. Juntamente com outros, recrutados em Jilava, Ţurcanu formou a organização ODCC (Organização dos Detentos com Convicção Comunista), da qual nenhum detento, à exceção dos que pertenciam a ela, sabia nada. Da ODCC faziam parte cerca de vinte jovens. Eis os nomes mais conhecidos dentre eles: Padre Alexandru, dito Padre Ţanu, adjunto de Ţurcanu, estudante de agronomia, em Iaşi, foi uma das figuras mais ferozes da reeducação e conduziu, por um tempo, a reeducação em Gherla. Por um concurso de circunstâncias acerca das quais voltaremos a falar, escapou da condenação à morte e vive em paz na Romênia. Os outros: Livinski, Mărtinuş, Titus Leonida, Nuţi Pătrăşcanu, Fuchs e Steier eram legionários, mas também nacional-camponeses e sionistas.

De Jilava, este grupo, juntamente com outros estudantes vindos de Timişoara e de Cluj, são enviados para Piteşti, onde são reunidos estudantes — entre eles tinham-se perdido alguns alunos ou operários — que não tinham ainda diploma. Os com diploma ou licença eram enviados a Aiud, escapando assim da reeducação. Mas, nesse instante, ninguém entre os detentos, com exceção do grupo de Țurcanu, sabia o que se fazia em Piteşti nem o que significava a reeducação. Quando muito, os que partiram de Suceava podiam crer que seria uma reedição da tentativa de Bogdanovici. De fato, até o dia 6 de dezembro de 1949, nenhum detento de Piteşti sabia o que o esperava.

*** Dumitru Bacu explica, assim, por que foi escolhida para a experiência a prisão de Piteşti:

> Situada fora da cidade, para a parte nordeste, próxima de um riacho e longe de qualquer outra habitação, oferecia um meio muito favorável para as torturas, não podendo ser ouvido nenhum grito por ninguém. Neste "centro" ideal para a experiência foram reunidos todos os estudantes presos até o outono de 1948.

Os estudantes — relata ainda Dumitru Bacu — eram divididos em quatro categorias. Na primeira categoria entravam os detidos sem sentença judicial (o que não impedia que cumprissem de seis a sete anos de prisão). Na segunda, encontravam-se os condenados por delitos menores: ausência de denúncia, favoritismo, simples suspeita, variando as penas de cinco a sete anos de prisão correcional. A terceira categoria era formada pelos elementos condenados por qualquer justificação jurídica, enquadrados no delito de "conspiração contra a ordem social", com penas de cinco a oito anos de prisão de regime duro. A grande maioria dos estudantes de Piteşti fazia parte desta categoria. Por fim, na última, entravam os condenados de dez a vinte e cinco anos de trabalho forçado: os chefes de grupos e as personalidades do mundo estudantil com uma influência ativa sobre aqueles a seu redor. Segundo Dumitru Bacu, a divisão por categorias tinha exatamente o escopo de isolar os chefes de categorias menores, que, assim, ficavam mais suscetíveis de ceder às pressões. O

isolamento do interior deveria ser dobrado também pelo isolamento total diante do exterior. Assim, no começo de 1949, os pacotes com alimentos e a correspondência com a família foram suprimidos. Além disso:

> Acentuou-se o terror dos guardas. As torturas nos porões das prisões passaram a ser freqüentes, por motivos muitas vezes inventados. As ameaças com subentendidos difíceis de adivinhar, as freqüentes visitas do diretor e dos oficiais políticos nas celas, as buscas inopinadas a qualquer hora do dia e da madrugada, a proibição de atividade de qualquer natureza com penalidades rigorosas foram indícios das mudanças que deviam intervir não muito tempo depois.

Do livro de Dumitru Bacu, voltemos ao dossiê chegado de Bucareste, a que somos muitas vezes tributários. Na prisão de Piteşti, onde a condução liderada pelo diretor Dumitrescu e pelo Lugar-Tenente Político Marina recebeu ordem estrita de Bucareste, os guardas sabem que terão de obedecer com rigor a Ţurcanu. Em meados de novembro de 1949, acontece uma transferência; quinze detentos dentre os mais refratários são retirados de suas celas e levados à Câmara 4, Hospital, destinada inicialmente aos doentes e escolhida para a primeira experiência por causa de seu relativo isolamento das outras celas. Entre os irredutíveis, muitos legionários, certamente, mas também elementos que não tinham nada que ver com a Legião, como Sandu Angelescu, de Timişoara, preso por ter feito parte de uma organização realista, e que é eleito chefe da Câmara 4, Hospital. Chegados ali, esses quinze estudantes encontram, instalados havia alguns dias, dizem eles, outros quinze — de fato o grupo de Ţurcanu — que os recebem como a irmãos. A cela é composta de um beliche que vai de um canto a outro, apenas num único lugar há uma cama, que se dá a Sandu Angelescu, como chefe do quarto. Por duas semanas, cada um do grupo Ţurcanu liga-se de modo especial a um dos novos detentos. O próprio Ţurcanu escolhe Sandu Angelescu, um jovem de uma intransigência moral exemplar. É geral a camaradagem, nenhuma nota falsa, uma identidade total de visões, uma oposição absoluta ao regime comunista. Numa atmosfera assim, os jovens que ainda não têm uma escola de prudência na prisão, abrem rapidamente a alma e dizem muitas coisas que tinham conseguido

esconder no interrogatório; manifestam preocupação pelos deixados em liberdade; analisam, junto com seus novos amigos, as precauções que os de fora terão de tomar para não serem, a seu turno, presos; comunicam seus pensamentos mais íntimos. Dir-se-ia que esta Câmara 4, Hospital, é uma espécie de laboratório de resistência moral, da determinação inflexível.

Manhã de 6 de dezembro de 1949, dia de São Nicolau, abre-se o prólogo da experiência de Piteşti.

Nessa manhã, o guarda, depois de levar a comida, dirige-se ao chefe do quarto, Sandu Angelescu: Que é isso, meu, com esse pulôver verde? Também aqui fazes o papel de legionário? Responde Sandu Angelescu: Não fui nunca legionário e nem mesmo fui acusado de tê-lo sido. Fui preso como membro da juventude realista e este é o pulôver com que fui preso.

O guarda insiste: Tira imediatamente o pulôver! Sandu Angelescu tenta ponderar. Começara a fazer frio. Caíra mesmo um pouco de neve. As celas, é claro, não eram aquecidas. Se desse o pulôver, ia ficar apenas com a camisa. Insensível a qualquer tipo de argumento, o guarda vocifera. Finalmente, Sandu Angelescu cede, tira o pulôver e estende-o. Mas, enquanto o guarda empurra o ferrolho, Sandu Angelescu xinga-o. Nesse instante, Ţurcanu, seu melhor amigo da cela, o confidente de duas semanas, mais do que um amigo, um irmão, salta sobre ele, dá-lhe um tapa — tinha um tapa assustador e uma envergadura física extraordinária — e grita: — Como te atreves, bandido, a xingar um guarda? Estupor na cela. Naquele segundo de silêncio espantado, como a um sinal, cada um dos reeducadores de Ţurcanu se lança sobre o seu melhor amigo até então, e se empenha numa batalha geral.

Na cela, ouviam-se algazarra, gritos, juntamente com um barulho de vidro partido. Um ferrolho que se empurra — mais precisamente uma corrente de ferro como havia então nas portas das celas. Um silêncio de sepulcro. Depois, de novo, uivos

terríveis. Que acontecia lá dentro? Num dado momento, como os recém-chegados pareciam mais fortes do que os reeducadores — com exceção de Țurcanu — este tira a bota e joga-a no vidro. Então abrem-se imediatamente as portas e entram cerca de dez guardas tendo à frente o Capitão Dumitrescu com o Tenente Marina. O Capitão Dumitrescu grita: Que está acontecendo aqui, meu? Onde pensam que estão? Que tumulto é este? Quem é o chefe do quarto? Sandu Angelescu aproxima-se.

O senhor me dá licença de reportar-lhe, senhor comandante, estávamos neste quarto tranqüilos até que um grupo de detentos, dirigidos por Țurcanu, que encontramos neste quarto há duas semanas, arremessou-se sobre nós e começou a ferir-nos.

E o Capitão Dumitrescu, fingindo-se furioso: Assim? Quem és tu aquele que te chamas Țurcanu? Deixa-me também eu ver tua face! Que crês tu, meu, que estás aqui em casa, na propriedade de teu pai? Sai da fila Țurcanu: O senhor me dá licença de reportar-lhe, senhor comandante, nós somos um grupo de jovens reeducados que fez uma organização, a Organização dos Detentos com Convicção Comunista, ODCC , e propus a estes bandidos que renunciassem a seu comportamento e atividades criminosas e se juntassem à nossa organização. Então, saltaram sobre nós e começaram a ferir-nos. Eis a verdade, senhor comandante! É óbvio que tudo fora arranjado antecipadamente, não apenas no Ministério de Assuntos Interiores, aonde Țurcanu fora levado de Jilava para discutir diretamente com Nikolski, mas também para o estabelecimento do desenrolar da primeira operação em Piteşti. Țurcanu fora chamado, um dia antes, a um interrogatório, de onde voltara muito triste e simulara que fora espancado. Em vão tentava agora Angelescu reestabelecer a verdade. O Capitão Dumitrescu já não queria ouvir nada.

Ora, saiam para o corredor, seus refratários à reeducação! Dispam-se! Os detentos, nus, foram obrigados a deitar-se no corredor, diretamente no cimento, e por quase meia hora, foram

espancados, assim como se batem pedaços de carne, pelos guardas armados com pedaços de ferro e com cacetes. Depois disso, os corpos ensangüentados foram arrastados de volta à cela e postos à disposição dos reeducadores que tinham assistido ao espetáculo. Era esmagador o desequilíbrio de forças assim obtido. A reeducação podia começar.

*** A reeducação tinha quatro fases. Ao longo da primeira, denominada *desmascaramento externo*, o detento tinha de mostrar sua lealdade ao Partido e à organização ODCC , dizendo tudo o que escondera no interrogatório da Securitate, denunciando todas as ligações que mantinha fora da prisão, assim como as cumplicidades de que se beneficiara. No curso desses desmascaramentos externos, cujos resultados eram entregues ao Ministério de Assuntos Internos, descobriu-se muito mais do que em todos os interrogatórios de até então pela Securitate. As declarações eram feitas primeiro verbalmente, até mesmo sob torturas, depois, escritas numa placa de sabão, verificadas por alguém do comitê de reeducação, muitas vezes pelo próprio Ţurcanu, passadas afinal para o papel, assinadas pelo declarante e enviadas ao Ministério de Assuntos Internos.

A segunda fase, o *desmascaramento interno*, dava também resultados excepcionais para a Securitate. O estudante torturado devia desmascarar aqueles que o tinham ajudado a resistir no interior da prisão: fossem eles outros detentos (os que o tinham encorajado ou o tinham colocado em guarda para ser prudente) ou alguém da administração da prisão: um interrogador mais benevolente, um miliciano que lhe fizera um favor ao tempo da execução da pena.

As primeiras duas fases traziam, pois, serviços diretos, concretos, à Securitate, permitindo a ela operar uma série de detenções fora das prisões e eliminar da administração desta os elementos mais dóceis. Assim, a Securitate obtinha um suprimento de interrogatório que não teria podido nunca ser levado a bom termo

pelos métodos clássicos de tortura. As outras duas fases de reeducação seguiam um outro escopo: a aniquilação moral do detento, a destruição da sua personalidade. Desta vez, o experimento pertence à patologia mental.

Então, passa-se à terceira fase, o *desmascaramento moral público*, em cujo curso o detento é obrigado a espezinhar tudo o que é mais santo e, em primeiro lugar, a família, Deus — se é crente —, a esposa ou a amante, os amigos, a si mesmo. O passado de cada um é analisado ponto por ponto, com fundamento nele deve-se inventar a versão mais monstruosa possível. O pai, por exemplo, devia aparecer como um escroque, um bandido, um subornado. Como entre muitos detentos encontravam-se muitos rapazes do campo — e, portanto, filhos de padres — estes eram obrigados a descrever com luxo de pormenores as cenas eróticas a que se dedicaram seus pais, mesmo no altar, digamos, quando preparavam a comunhão. E a mãe era mostrada como uma prostituta, sendo o detento obrigado a inventar, cada vez mais pormenorizadas, as cenas a que ele também teria assistido. Acerca de si mesmo, o detento devia, afinal, inventar as perversidades mais refinadas. Ninguém escapava até que cobrisse com lama, em público, as fontes vivas de sua vida, até que do passado tivesse desaparecido a última migalha em que pudesse se apoiar para reconstruir sua personalidade. E somente quando o desabamento parece definitivo a Ţurcanu, quando o detento é considerado digno de entrar na ODCC , é que intervém a quarta fase e última condição para exterminar qualquer esperança de um retorno: o reeducado é posto a conduzir o processo de reeducação de seu melhor amigo, torturando-o com suas próprias mãos e assim, a seu turno, passando a ser carrasco.

A tortura é a chave do sucesso. Ao longo de todas essas fases, as confissões eram regularmente interrompidas por torturas. O que quer que dissesses, por mais infâmias que tivesses inventado, Ţurcanu não estava nunca satisfeito. Da tortura não podias

escapar. O máximo possível, acusando-te das maiores infâmias, seria encurtares o período de torturas.

Houve estudantes torturados por dois meses, outros, mais cooperativos, por apenas uma semana. Uma única exceção, quiçá nem ela absoluta, a essa regra: o grupo ODCC com que partira a caminho Țurcanu. Mas acontecia que, a alguns desses quinze, vinte colaboradores devotados, Țurcanu lhes repreendia a falta de vigilância, o compactuar com os em curso de reeducação, submetendo-os, então, a alguns dias de tortura. À medida de seus bons êxitos, Țurcanu não queria compartilhar com ninguém a glória de ser o iniciador da experiência, e lançava, de quando em quando, suspeições sobre os que o tinham seguido desde o começo, para permanecer o único imaculado, o único poderoso. De fato, o poder dele era ilimitado e crescia à medida que podia contemplar o mal realizado e a impotência das vítimas. Todos os detentos eram obrigados a tratá-lo por "senhor Țurcanu". Mantinha ainda o privilégio de dizer-lhes "meu". Na prisão de Piteşti, dispunha de poder discricionário, podia abrir a porta da cela e pedir ao guarda que o levasse "ao bandido tal da câmara tal". Conhecia a todos na prisão e conhecia os elementos mais refratários. O guarda lhe dizia também "senhor Țurcanu" e lhe respondia respeitosamente. Depois de algum tempo desde o começo da experiência, Țurcanu formara para si equipes pequenas de reeducação, que agiam em diferentes celas, e ele caminhava inspecionando. Quanto mais crescia o número de reeducados, tanto mais Țurcanu se sentia mais forte e, à medida que este poder crescia, ficava mais louco, torturava, e também matava com as próprias mãos.

A tortura não constava, é claro, de espancamentos. Sempre houve espancamentos na Securitate, mas não apenas isso. Homens foram colocados na rotativa, tiveram as mãos torcidas, foram sovados nas plantas dos pés até quando já não podiam colocá-los no chão, mas tudo o que passaram nesses sofrimentos dizem que eram ninharias diante das coisas imaginadas por Țurcanu. Em

primeiro lugar, porque no curso da reeducação vivias na cela com o interrogador, que não te dava um instante de paz. De noite podias dormir, é certo, mas apenas de barriga para cima, completamente nu, com as mãos estendidas sobre o cobertor. Mas se, durante o sono, fazias um movimento ou tentavas mudar de posição, eras golpeado diretamente na cabeça com o cacete de um reeducador que fazia o plantão.

Uma das torturas mais comuns — aparentemente simples, de fato atordoante — era a assim dita *entrada e saída do serpentário em dez segundos*. Para os leitores que não conhecem a linguagem das prisões, relembremos, primeiro, o que são *serpentário* e *sapário*. Numa cela das maiores encontravam-se de regra duas tarimbas (ou seja, duas camas de madeira saindo de uma parede para a outra e nas quais homens dormem como sardinhas). Mais freqüentemente as tarimbas tinham dois níveis — térreo e andar — e eram simétricas, ou seja, era como se fossem quatro tarimbas numa câmara. Como as câmaras eram, em geral, superaglomeradas, alguns detentos entravam sob as tarimbas e dormiam direto no cimento. Daqui o termo "serpentário": deslizavas-te sob as tarimbas como uma serpente e ali não podias estar senão deitado. Nos espaços entre as tarimbas, era o sapário. Aí, os homens estavam como sapos, comprimidos no cimento, e, no entanto, melhor do que no serpentário, não tendo sobre a cabeça uma tarimba que os impedisse de fazer um movimento. Um homem chegado de pouco a tal câmara repleta e que não encontrava nenhum lugar, entrava primeiro no serpentário, passava, quando podia, ao sapário, e somente então chegava, num belo dia, às tarimbas. No que constava a *entrada e saída do serpentário em dez segundos*? Jogavas-te de barriga no chão e, em dez segundos, tinhas de sair de lá e te apresentar em posição de sentido diante de Ţurcanu. Depois, de novo no serpentário e de novo diante de Ţurcanu, tudo em dez segundos, cerca de cem vezes. Quando saías de baixo do serpentário, eras espancado até sangrar, com objetos metálicos ou com cinto. E mesmo assim tinhas de penetrar no serpentário, desta vez em cinco segundos,

porque o tempo se encurtava à medida que o detento se cansava. Houve períodos em que a *entrada e saída do serpentário*, com as torturas intercaladas, duravam ininterruptamente cerca de seis horas a fio. Se alguém caía e perdia a consciência, jogava-se sobre ele um balde d'água e, tão logo voltava a si, a operação recomeçava. Um dos primeiros reeducadores do grupo de Ţurcanu, Nuţi Pătrăşcanu, era aquele que, quando um jovem caía nessa espécie de coma, tomava-lhe o pulso, para ver se estava ou não em perigo de morte, e ordenava a retomada da operação.

Mas, mesmo que fosse a mais extenuante, a entrada e saída do serpentário não era, todavia, a mais terrível das torturas. Foi praticada toda a gama — possível e impossível — de torturas: diferentes partes do corpo eram queimadas com cigarro, houve detentos cujas nádegas se necrosaram e caíram como cai a carne de leprosos. Outros eram obrigados a comer uma gamela de fezes e, depois de vomitarem, enfiavam-lhes o vômito na garganta.

A imaginação delirante de Ţurcanu desencadeava-se principalmente quando se deparava com estudantes que acreditavam em Deus e se esforçavam para não traírem a própria consciência. Então, alguns eram "batizados" todas as manhãs: afogados com a cabeça no balde com urina e matérias fecais, ao mesmo tempo em que os outros ao redor salmodiavam a fórmula do batismo. Isto durava até que a água borbulhasse. Quando o detento recalcitrante estava prestes a afogar-se, era tirado, davam-lhe um curto momento para respirar, depois era afogado de novo. Um desses "batizados", a quem se aplicara sistematicamente a tortura, chegara a um automatismo que o dominou por cerca de dois meses: ia toda manhã e metia sozinho a cabeça no balde, para gáudio dos reeducadores.

Quanto aos estudantes de teologia, eram obrigados por Ţurcanu a oficiar em missas negras que ele dirigia principalmente na Semana Santa e na Noite da Ressurreição. Alguns representavam sacristãos, outros, padres. O texto da liturgia de Ţurcanu era, é

claro, pornográfico, parafraseando, de modo demoníaco, o texto original. A Santíssima Mãe de Deus era chamada “a grande puta”; Jesus, de “o idiota que morreu na cruz”. Ao estudante de teologia, a quem cabia o papel de padre, deixavam-no nu e cobriam-no com um lençol manchado de fezes, e ao pescoço amarravam-lhe um falo feito de DDT ,[9] pão e sabão. Na Noite da Ressurreição de 1950, os detentos em fase de reeducação, em Piteşti, foram obrigados a passar diante de um tal “padre”, beijar o falo e dizer: “Cristo ressuscitou”. Ţurcanu observava a mímica de cada um e, se algum dentre os que se tinham declarado reeducados, que tinham denunciado todos os amigos e conhecidos, que tinham descrito como tinham feito sexo com as próprias mães, ou como tinham violado as irmãs, revelasse agora algum instante de hesitação, se sentia que tinha um aperto no coração neste momento de blasfêmia, então Ţurcanu explodia: — Ah, bandido, se parece-te, pois, que profanas, ainda há em ti resquícios da tua educação infame! Vais passar de novo por todas as fases. O que te fez tremer agora, impediu-te de fazeres também o desmascaramento interno e o desmascaramento externo como se deveria. Retomarás desde o começo toda a reeducação.

*** Por que os estudantes de Piteşti não se suicidavam em vez de suportar este inferno cotidiano que levava, de qualquer modo, à sua destruição psíquica, à anulação do seu estatuto de homens? A resposta é simples: não se suicidavam porque não tinham com quê. Na cela, não dispunham de nenhum objeto metálico, de nenhuma faca, de nenhum garfo. À comida da gamela eram obrigados a chegar com a boca, como porcos no balde. As colheres, os talheres passavam a ser um favor feito apenas aos reeducados transformados em torturadores. Evidentemente que este modo de alimentar-se não representava apenas uma precaução contra os suicídios, mas fazia parte do sistema de degradação geral. Dumitru Bacu dá os seguintes pormenores em seu livro acerca de Piteşti:

> Os estudantes eram obrigados a comer "como porcos", ou seja, servindo-se apenas com a boca. O estudante tinha de assentar-se nos joelhos, com as mãos para trás, ou diretamente de bruços, se esta era a ordem do chefe da reeducação. Desta posição tinha de sorver o líquido fervente da gamela colocada diante dele. "Bandidos" não tinham permissão de lavar a gamela depois de consumirem o conteúdo. A limpeza se fazia com a língua, porque a água dada na cela era consumida apenas pelos que já estavam reeducados. [...] Esta água era trazida do corredor por algumas sentinelas, em baldes de madeira ou em outros vasos, evitando-se, é claro, qualquer vaso quebrável que pudesse dar a alguém um meio de suicídio.

Que tais métodos pretendiam, antes de tudo, a humilhação da vítima, dá-nos ainda uma prova — se ainda fosse necessário — o mesmo Dumitru Bacu, assinalando o caso de um estudante de teologia (designado pelas iniciais A. O.), obrigado a fazer suas necessidades na gamela e a receber a comida nela, sem ter permissão de limpá-la antes, a não ser com a língua.

Houve, no entanto, tentativas de suicídio, e inúmeras. Uns tentaram dilacerar as artérias com os dentes, outros, esmagar a cabeça na parede. Em vão. Em geral, eram surpreendidos a tempo pelos reeducadores encarregados da vigilância permanente deles.

Também Dumitru Bacu dá o caso do estudante N. V., da Faculdade de Teologia de Timişoara, que, depois de tentar cortar as veias e não conseguir, aproveitou-se do instante em que se trouxe um balde fervente com sopa de feijão, da qual saíam vapores, e saltou da tarimba do andar com a cabeça diretamente no balde. Esperava ter queimaduras de terceiro grau, mas não foram senão de primeiro grau e, como punição, foi espancado até cuspir os pulmões.

Outro estudante (C. S.), da Faculdade de Direito de Cluj, comeu, para pôr fim aos dias, meio quilo de sabão. Mas, embora o sabão fosse feito de resíduos de petróleo, não teve nada.

Houve, no entanto, um estudante que conseguiu suicidar-se. Uma vez a cada duas semanas, não por consideração de humanidade, mas para não grassar uma epidemia na cadeia, os detentos de Piteşti eram conduzidos ao banho que se encontrava no quinto

andar. O estudante Şerban Gheorghe, de Murfatlar, preso em Bucareste em 1948, arremessou-se ao vão da espiral da escada e morreu na hora. Mas no banho seguinte, depois de outras duas semanas, uma rede fora estendida entre os andares. O suicídio passou a ser impossível e, de fato, de lá pra cá já não se sabe de sequer um estudante que tenha tido sucesso em pôr fim a seus dias em Piteşti.

*** Se estavam excluídos os suicídios, por outro lado, matava-se em Piteşti. Freqüentemente, Ţurcanu era o que matava com as próprias mãos, mediante torturas insuportáveis.

A vítima preferida dele foi Bogdanovici, a quem ele considerava responsável pela sua prisão e de quem se vingou centuplicadamente. Na Câmara 4, Hospital, Ţurcanu "ocupou-se" especialmente de Bogdanovici, a quem reservou as torturas mais terríveis. Esmagou-lhe os dentes, um a um (quando morreu, já não tinha nem um). Por três dias, sem interrupção, palmilhava a barriga e peito dele, ouvindo como lhe estalavam e quebravam os ossos. A vítima tinha uma resistência inaudita. Apenas depois de uma centena de hemorragias internas foi levado em coma à enfermaria da prisão, com o pâncreas rompido e com o intestino perfurado. Viveu ainda duas semanas e faleceu na Quinta-Feira Santa de 1950, dizendo que se alegrava de morrer, que seus sofrimentos representaram uma expiação justa do pecado de ter aceitado conversar com comunistas e ter tentado pôr em prática o primeiro plano de reeducação pela leitura de textos marxistas na prisão de Suceava. Bogdanovici não chegou a ser reeducado, nem a entrar na ODCC , nem a tornar-se o torturador de outros. A sede de vingança de Ţurcanu interrompeu-lhe antes os dias.

A mesma vingança projetava-a igualmente sobre os outros legionários, não lhes perdoando o fato de terem sido a origem de sua prisão. A alguns deles disse, certa vez, aproximadamente estas palavras:

> Se lhes dissessem: qual de vocês queria morrer? Encontrar-se-iam tão loucos, com a educação exaltada, que teriam respondido: "a morte, apenas a morte legionária", e eu teria dado nascimento a outros Nicadori, a outros decênviros, como fizeram os partidos históricos quando mataram vocês. Nós fazemos outra coisa, fazemos melhor: matamos vocês moralmente, para que tenham nojo de si, para que não possam mais esperar nada, não mais possam desejar o triunfo legionário. Quem dentre vocês quer algo assim? Pop Cornel? Quer ele ainda o triunfo legionário? Que venham os legionários do estrangeiro e lhe digam: "traidor"? Vocês não cantam que temos apenas balas para os traidores? Agora, não são mais do que uns destroços. Eis o que eles conseguiram. O que os idiotas dos liberais e do Partido Camponês não conseguiram. Ao contrário, fizeram de vocês mártires. Eis, marchas tu agora "nos cumes do século". Que eu veja teu passo legionário. Depois de passares pela reeducação, é impossível marchares com orgulho. Já não podes ter senão um passo humilde, um passo que pede perdão.

Pop Cornel fora um dos jovens mais corajosos. Organizara uma fuga de cerca de vinte e cinco pessoas para o estrangeiro, recusando-se a ir junto com eles. Na Câmara 4, Hospital, resistira muito tempo à reeducação. Depois de seis semanas de torturas, já não era senão uma massa de carne tumefacta, em que já não se podiam distinguir o nariz, os olhos, a boca. Dumitru Bacu encontrou-o mais tarde na prisão de Gherla, indo ao banho, e viu em suas costas certas linhas estranhas, uma espécie de sulcos verticais ao longo das costas, e, em vez de nádegas, uns buracos. Eram as marcas das torturas de Piteşti. Foi espetacular o desabamento de Pop Cornel. Passara a ser um dos torturadores mais temidos. Foi executado como reeducador.

Outro, dentre os mais torturados por Ţurcanu — e provavelmente pelos mesmos motivos — foi Costache Oprişan, o chefe dos "irmãos da cruz" em todo o país. Foi estudante de filosofia em Cluj, o mais velho (estivera na Alemanha, onde ouvira Heidegger). Oprişan fora apreciado por Lucian Blaga e por D. D. Roşca, que, embora não o tivesse como estudante senão por um ano, o considerara um dos elementos mais dotados. Passou muitas vezes por todas as fases de reeducação, declarando Ţurcanu, a cada vez, que ele era insincero. Na Câmara 4, Hospital, podiam-se ver ainda, até 1952, as marcas de seu sangue, e Ţurcanu, torturando certa vez a um jovem da "irmandade da cruz", disse-

lhe mesmo: “Quero que teu sangue esguiche até o teto, para fazer ali a união mística com o sangue de Oprişan”.

Doente de tísica, Oprişan foi retirado da sala de doentes e levado a uma cela de regime duro, onde foi colocado para bater com suas próprias mãos num “irmão da cruz” que o adorava e o considerava como uma espécie de deus. Oprişan não tinha mais do que trinta e sete quilos quando morreu no Hospital da Prisão Văcăreşti, em 1957, de tuberculose contraída então.

Mas de novo não se deve crer que as torturas e o assassínio fossem reservados aos legionários, que tinham exatamente o escopo de extermínio de um movimento político. Um dos mais terrivelmente torturados foi, por exemplo, Sandu Angelescu, preso como regalista e através do qual Ţurcanu começou sua experiência.

De fato, Ţurcanu valia-se da menor ocasião para pôr em causa a sinceridade de quem passava pela reeducação e para torturá-lo de novo. Assim, um estudante dos mais inteligentes da Faculdade de Filosofia de Bucareste, Huică, depois de resistir quanto pôde, deu-se conta que não havia nada que fazer e passou por todas as fases de reeducação. Embora sob tortura, não perdeu provavelmente o senso de humor. Chegado ao desmascaramento moral e a despeito do fato de que inventara toda espécie de monstruosidades, Ţurcanu o torturava sempre. Então, de repente, como iluminado, gritou Huică: “Senhor Ţurcanu, sou um criminoso, um bandido, não confessei as piores coisas: trepei com cabras, gansas, peruas, patas...” — e a enumeração de animais não terminava mais. Como punição, Ţurcanu colocou-o para passar de novo por todas as fases de reeducação, para começar tudo desde o começo.

Esta explosão de Huică custou-lhe outras quatro semanas de torturas. Não se sabe mais o que aconteceu com ele.

Sabe-se, ao contrário, que no curso da reeducação pereceram pelo menos quinze estudantes, dentre os quais: Nedelcu, morto em posição de crucificado, torturado por Ţurcanu, que, verificando a morte dele, bateu na porta e disse ao guarda, empurrando com a bota o cadáver: "leva este bandido: o coração dele cedeu".

Gafencu, de Iaşi, torturado com paixão aumentada por causa de seu "misticismo".

Cantemir, da Faculdade de Química de Iaşi, que se recusava com rebeldia a denunciar os amigos.

Paul Limberea, de Piteşti, e Gheorghescu, que morreram no curso do desmascaramento externo.

*** E ainda nos admiramos que, em tais condições, os reeducados passaram a ser, a seu turno, reeducadores, ou seja, torturadores? E freqüentemente tanto mais cruéis quanto tinham sido antes resistentes? Vi o caso tão claro, em seu tragicismo, de Cornel Pop.

Um outro torturador, dentre os mais temidos, era Paul Caravia, estudante de filosofia em Bucareste, um dos reeducadores notórios de Gherla, que não pôde voltar a si nem depois que tudo terminou e continuou também fora da prisão o ofício de informante. Assumindo até o fim sua nova e inumana condição, Caravia teve, uma vez libertado da prisão, o tempo de organizar com cerca de vinte pessoas um grupo de oposição, para alcagüetá-los a todos, entrar com eles na prisão para ser libertado seis meses depois, e os outros, permanecerem até a anistia geral. Há alguns anos, Paul Caravia era pesquisador de problemas de história das artes e bibliotecário do Instituto de Arquitetura. Não sabemos se ainda o é hoje.

Outro caso, muito mais complicado: o estudante de medicina Gheorghe Calciu. Depende de quando o conheceste: antes da

reeducação, depois de sua própria reeducação, ou depois que toda a operação teve fim. Antes de Piteşti, Calciu estivera entre os mais intransigentes; depois da reeducação, um dos torturadores mais perversos; depois do fim da experiência, no instante quando se encenava o processo com bodes expiatórios, volta a ser o velho homem, corajoso e leal. Calciu não pôde ser julgado no lote de Ţurcanu, porque anunciou que não responderia a nenhuma pergunta até que fosse conduzido como testemunha no processo do verdadeiro iniciador da experiência, o General Nikolski.

Dumitru Bacu viu-o em Gherla na sua própria cela:

> Entre os reeducados da cela, o mais perigoso nessa época era um ex-aluno de medicina, Gheorghe Calciu, apelidado "eminência parda" do diretor Goiciu; Calciu era um dos mais devotados informantes que a reeducação ofereceu, e que tomou de certa forma o lugar de Ţurcanu.

Mas o mesmo Dumitru Bacu acrescenta algumas páginas mais adiante:

> Foi retirado de Gherla e levado ao Ministério de Assuntos Internos para interrogatório. Na saída, era ainda reeducado convicto. Não sei quanto tempo ficou assim, mas exatamente depois de dois anos tive ocasião verdadeiramente única de saber diretamente dele acerca da sua passagem pelo ministério e acerca do que se lhe preparava. Em 1956, numa cela de prisão principal do Ministério da Calea Victoriei, mais exatamente na cela que se encontra diante da câmara do oficial de serviço, ou "chefe da carceragem", como ainda se diz dele, encontrei, enviada com a agulha em sinais de Morse, a seguinte frase que me aterrorizou: "Calciu Gheorghe fui trazido aqui para ser morto, não sou culpado".

Não foi condenado à morte (ou lhe foi comutada a pena) e foi enviado depois de seu processo, separado do de Ţurcanu e de seu lote, para a seção de exterminação de Jilava, a famosa Câmara 53, onde provou que mudara integralmente. Portou-se, haveriam de dizer depois os seus colegas de cela, como um santo para com eles, chegando até ao sacrifício. No curso de uma epidemia de disenteria, cortou as veias, para dar de beber sangue aos doentes. Quando saiu da prisão, era profundamente religioso, inscreveu-se em teologia e chegou a professor no Seminário Teológico. As prédicas que apresentava eram ouvidas não apenas pelos seus

alunos, mas também pelos alunos de ciências exatas. Em 1977 foi expulso de seu posto de professor, vigiado, ameaçado, chantageado para ficar quieto. Não ficou quieto. Ajudado por um grupo de fiéis que se reunira para protegê-lo e para escrever para o Patriarca, Calciu não cedeu. Foi de novo preso em 10 de março de 1979, condenado a dez anos de prisão, comutados em sete anos e meio, e submetido a um regime de extermínio na prisão de Aiud.[10]

Sejam os que voltaram a si, pagando até o martírio uma culpa que não fora deles, assim como o fez o Padre Calciu, sejam os que não puderam nunca recompor a velha personalidade, ou chegando ao limiar da loucura, ou vegetando apáticos, ou teimando no mal, como Paul Caravia, qualquer dos torturados-torturadores, dentre os reeducados-reeducadores, dentre as vítimas-carrascos, poderia ter repetido a frase escrita em Morse por Calciu num muro da prisão: "não sou culpado". Todos, à exceção da maioria dos que tinham constituído o primeiro grupo ao redor de Ţurcanu; para não falarmos das autoridades comunistas, em todos os níveis, a quem incumbia toda a responsabilidade da reeducação.

*** Produzira-se, de fato, em Piteşti, uma mutação do psiquismo humano. Nascera um novo tipo humano — se ainda se podia chamar assim — que passaria a ser um enigma e um terror para os detentos das prisões escolhidas para a expansão da experiência. Porque a "ilha" Piteşti era destinada a ser o "arquipélago" Piteşti.

Até o final de 1950, quando Ţurcanu passou uma semana em Piteşti — é levado a Bucareste para discutir com Nikolski as modalidades da operação — ninguém fora da ilha de terror absoluto que era Piteşti sabia o que acontecera ali. Mas, uma vez com o espalhar-se dos estudantes reeducados para o Canal, para Gherla, Târgu Ocna, Ocnele Mari, começaram a circular boatos de prisão em prisão acerca do aparecimento desta nova espécie. Ninguém entendia como ela pôde surgir, mas todo o mundo a temia.

Dumitru Bacu conta como, em 1951 primeiro, depois em 1952, os detentos vindos do Canal, na prisão em que ele se encontrava, murmuravam e advertiam: “Guardai-vos dos estudantes como de Satanás! [...] mesmo se se apresentam sob a máscara de amizade. Fizeram muito mal e alguns continuam a fazê-lo”.

Dumitru Bacu admirava-se, revoltava-se: “Por que todos falam assim dos estudantes? O que aconteceu com eles para se tornarem tão ruins? Apenas sabes que foram de outro modo antes”.

E seu interlocutor lhe respondia: “Não sei e não quero saber o que aconteceu com eles. Digo-te apenas que mordem doído. Furtivamente. Guarda-te...”.

Advertido uma vez, duas vezes, três vezes, Dumitru Bacu ainda assim não entendia. Assim como, durante muito tempo, ninguém conseguiu entender o que acontecera:

> Toda a juventude estudante era posta em causa [...]. E, no entanto, esses homens não podiam estar mentindo, porque falavam de suas próprias pessoas, de seus próprios sofrimentos. [...] Os estudantes batem, denunciam, são informantes dos oficiais políticos, aumentam as normas, torturam os que não conseguem cumpri-las...

Mas, um dia, em Gherla, adverte-o um estudante mesmo: “Guarda-te de mim! Eu sou estudante. E isto deve dizer-te muito a meu respeito. Guarda-te não apenas de mim, mas de todos os estudantes. Principalmente dos que são teus amigos”.

Mais não podia dizer nem um reeducado. O único que tentara fazê-lo, em Gherla, fora preso e punido de modo a fazer com que ninguém mais o imitasse.

O mesmo Dumitru Bacu conta:

> Entre os estudantes chegados de Piteşti e colocados no trabalho na fábrica, achava-se também um originário de Ploieşti, Rodaş. À saída da oficina, encontrou-se com antigos amigos de atividade, homens em quem tinha confiança cega. Aproveitando-se de um pequeno instante de liberdade, confessou a um deles todo o drama de Piteşti, em palavras simples e procurando fazê-lo entender o quanto mais rápido. Não tinha muito tempo. O amigo o ouviu com atenção, depois, surpreso do que ouvira, procurou

verificar a autenticidade, perguntando a um outro estudante, em quem tinha a mesma confiança! Antes, procurava da parte deste a invalidação do que fora dito, porque crer, não podia crer! E, na verdade, o estudante o acalmou: "Rodaş é o informante da Securitate e o que foi dito faz parte de um programa vasto, colocado em execução pelos comunistas para comprometer os estudantes". O operário foi deitar-se tranqüilo. Tinha-se-lhe tirado uma pedra pesada do coração. O estudante saiu imediatamente para reportar isso a Ţurcanu. Tinha-se-lhe tirado também uma pedra do coração porque parece que ele estava incumbido de vigiar Rodaş. Simples coincidência! O operário disse também a outros amigos para se guardarem de Rodaş. Mas este já não teve ocasião de dirigir-se à oficina. No dia seguinte, numa cela do terceiro andar apareceu Ţurcanu. Ordenou a todos os estudantes que voltassem o rosto para a parede. Depois, fez que alguém entrasse na cela. Ordenou de novo aos estudantes que voltassem o rosto para a porta. Alguém estava perto dele, mas não se podia saber quem, porque tinha a cabeça coberta com um saco.

Quando se tirou o saco da cabeça do detento, ninguém pôde identificá-lo:

Todo o rosto era uma só cicatriz tumefacta, cor de berinjela. Manchas grandes de sangue cobriam toda a face, escorrendo na camisa. O homem cambaleava, mal se mantendo ereto. Tremia com todo o corpo como tomado de frio.

E, então, diz Ţurcanu: "Rodaş falou. [...] Eu tenho ouvidos em toda parte. [...] É o primeiro caso, outro já não poderá ser trazido diante de vocês, porque não viverá".

A cena foi repetida em todas as celas com os estudantes. Era mais um método inventado por Ţurcanu e bem executado em Piteşti. Chamava-se *assistência ao espetáculo*. Ţurcanu observara que, para os que tinham passado por torturas, o fato de assistir à tortura de outros era muitas vezes mais insuportável do que eles mesmos a suportarem, aterrorizados também pela perspectiva de poder transformar-se, ao menor capricho do reeducador, de espectador, a ator. Portanto, era normal, do ponto de vista dele, que a assistência ao espetáculo fosse incluída entre os métodos de reeducação.

*** Voltemos a Piteşti, onde se prepara a extensão da reeducação. O Coronel Zeller (o mesmo que, depois da desgraça de Ana Pauker e de Teohari Georgescu, vai dar um tiro na própria cabeça, num cemitério) seleciona estudantes que haveriam de ser

enviados ao Canal, nas brigadas 13 e 14 da Colônia Península. Outro grupo de treze, catorze reeducados, é enviado para Gherla, para experimentar os métodos de reeducação também com velhos. Outros são enviados para a prisão de Ocnele Mari. Por fim, os tuberculosos foram transferidos para a prisão-sanatório Târgu Ocna, sob a direção de um veterano dos desmascaramentos, Nuți Pătrăşcanu, estudante de medicina.

E, porque temos pela primeira vez a ocasião de verificar uma falha na reeducação, não comecemos pelo Canal, ou por Gherla, onde a experiência foi tão bem-sucedida no começo, como a de Piteşti, mas detenhamo-nos antes nos dois casos de encerramento forçado dos desmascaramentos.

O primeiro produziu-se exatamente na prisão de tuberculosos de Târgu Ocna. Dado que aqui se achavam apenas doentes em último grau ou fracos, não se pôde recorrer à tortura ininterrupta — pedra de fundação da experiência. Esta foi, então, substituída pela câmara negra — sem ar — e pela chantagem em relação a medicamentos, que não podiam ser obtidos antes de te submeteres a fazer o próprio desmascaramento. Dumitru Bacu conta sobre a greve de fome por causa de um estudante da Faculdade de Direito de Bucareste, Virgil Ionescu, que passara parcialmente pelo desmascaramento em Piteşti e, já não suportando a repetição delas, tentou suicidar-se, cortando as veias com uma lâmina. Os outros estudantes declararam que começavam a greve de fome e que não a interromperiam até que viesse o procurador para pôr fim aos desmascaramentos. Num domingo de manhã, quando no terreno de esporte próximo à prisão se disputava uma partida de futebol, os estudantes, apinhados às janelas, começaram a gritar, pedindo ajuda. A notícia espalhou-se na cidade e foi anunciado o procurador do tribunal de Bacău. Provavelmente por iniciativa própria, o comandante da Securitate local ordenou um interrogatório. Nenhum reeducador foi punido, ao contrário, os de Piteşti dominaram ainda outras prisões, mas os desmascaramentos foram interrompidos.

Também Dumitru Bacu dá pormenores do fracasso da experiência na prisão de Ocnele Mari. Nem aqui o isolamento pôde ser tão pleno como em Piteşti. Os detentos trabalhavam numa oficina de móveis, e, ao lado dos políticos, achavam-se também detentos de direito comum. Os reeducadores vindos de Piteşti tomaram-lhes o lugar nos trabalhos do corredor, o que lhes permitia controlar a vida da prisão e escolher mais facilmente as primeiras vítimas. Dez no começo, isolados em celas pequenas de uma ala da prisão, no norte. Entre eles: Atanase Papanace; o advogado Mateiaş, de Făgăraş; o advogado Nicolae Mătuşu, ex-secretário do partido camponês da Grécia, refugiado na Romênia ao tempo da guerra; o trabalhador Gheorghe Caranica, detento ainda do tempo de Antonescu. Tinham sido escolhidos, em geral, homens mais velhos, que, supunha-se, não oporiam uma grande resistência. Mas não apenas foram mais fortes do que muitos jovens, mas encontraram também o meio de comunicar aos outros detentos o que acontecia. Em nome de todos, as personalidades de maior influência entre os presos — o professor Manoilescu, ex-ministro, Solomon, Gheorghe Pop, Petre Ţuţea, Vojen etc. — ameaçaram com o suicídio em massa se não se encerrassem as torturas. Como as ligações com o exterior estavam asseguradas tanto pelos detentos de direito comum, que detestavam os reeducadores que lhes tinham arrebatado os trabalhos do corredor, quanto pelas visitas no locutório, o risco de divulgação era muito grande. Portanto, os desmascaramentos foram, também desta vez, encerrados.

*** Avisar à direção da prisão era a primeira reação dos detentos que não se tinham dado conta de que a reeducação se realizara segundo um plano bem executado diretamente pelo Ministério de Assuntos Internos de Bucareste. Só que, nem todos os que ousaram chamar a atenção da administração gozaram do mesmo sucesso de Ocnele Mari ou Târgu Ocna.

Tomemos um caso em Gherla, assim como é relatado também por Dumitru Bacu:

> O primeiro que tentou avisar a administração foi um operário macedônio de Banat, condenado a dez anos de regime duro, parece-me. Em pleno desmascaramento, a cela foi visitada por um diretor do Ministério de Assuntos Internos. O que veio em inspeção parece que era o próprio Nikolski, encarregado da direção geral dos interrogatórios de todo o país. [...] Do grupo alinhado, em posição de sentido, quando ninguém esperava, porque o aviso fora dado apenas pouco tempo antes, o operário sai e pede para reportar algo.

O operário com as iniciais E. O. descreve as torturas sofridas no desmascaramento:

> O diretor Gheorghiu, que assistia à cena, simulou tão perfeitamente a surpresa, que os próprios torturados podiam crer que ele de nada sabia. Disse ao inspetor que não ouvira nada dessas torturas, que não se lhe reportou nada, nunca, que procuraria ver o que é verdadeiro e que tomaria medidas convenientes para a correção, se verificasse que eram verdadeiros os relatos, ao menos em parte. [...] O interrogatório não se fez, nem se tomaram medidas. Medidas tomou-as, ao contrário, Ţurcanu: constaram em arrancar-lhe as unhas dos pés com tenazes [...], numa das celas pequenas em que E. O. foi isolado depois do relatório. Quando encontrei E. O. em 1954, alimentava-se de batatas e pão, porque saiu da cela com o fígado destruído para sempre.

Não sabemos se o General Nikolski se dirigiu pessoalmente para Gherla para uma inspeção. Se aconteceu assim, como podia adivinhar o pobre E. O. que pedia ajuda exatamente ao iniciador das torturas de que se queixava? Em Gherla, aliás, foi direta a intervenção dos maiorais das prisões na reeducação, não como em Piteşti, onde Dumitrescu e Marina se contentavam em contemplar as cenas de tortura pelo visor. Aqui, o capitão da Securitate Gheorghiu, assim como o oficial político Avădanei, ambos de uma crueldade proverbial, e até o médico da prisão, Bărbosu, teriam tomado parte no desmascaramento. A tradição foi seguida também depois do encerramento da reeducação, quando o lugar de Gheorghiu foi tomado pelo célebre Goiciu, acerca de quem se diz que ultrapassava em ferocidade também a Maromet de Jilava.

Mas não antecipemos. O horror tem seus degraus e no de cima está, incontestavelmente, a reeducação. De Piteşti parte para Gherla uma equipe de trinta, quarenta reeducados, dentre eles, alguns com reputação de crueldade bem estabelecida como Livinski, Mărtinus, Paul Caravia com seu ajudante Danil

Dumitreasa, Cornel Pop, Morărescu, Măgirescu. Popa Țanu, o ajudante de Țurcanu, tem a direção das operações.

Pequeno de estatura, com um olhar brando, inteligente, não muito culto, Popa Țanu se mostra em Gherla um digno sucessor de Țurcanu. Mais até, acostuma-se tão bem a dominar sobre todos que, em 1951, quando as autoridades decidem pela transformação da prisão de Piteşti em lugar de detenção para cidadãos estrangeiros, e Țurcanu chega com o resto de sua equipe a Gherla, Popa Țanu não se mostra disposto a subordinar-se de novo a ele. Estabelecida uma rivalidade cruel entre esses dois grupos, as equipes de torturadores esforçam-se para ter o currículo com maior número de mortos e torturados.

Colocam-se à disposição de Popa Țanu as celas mais isoladas 96, 97, 98 e a Câmara 101, mas, principalmente, a Câmara 99, do 3º andar.

Diante de Piteşti, duas inovações são de assinalar em Gherla. Primeira, a reeducação é aplicada também aos homens velhos. Depois, a ênfase já não é posta nos desmascaramentos *interno* e *externo*, pelos quais o Ministério de Assuntos Internos obtinha um suplemento de interrogatório. Por volta de 1951, o preenchimento do dossiê passara a ser menos importante, e a nova Securitate, desembaraçada dos elementos da velha polícia, aprimorou seus métodos e passou a ser completamente *operativa*.

Em Gherla, torturar-se-á por amor à tortura, sem se buscar um escopo prático. Dumitru Bacu, que foi também detento em Gherla, chega, depois do encerramento da reeducação, à seguinte conclusão:

> Aqui se espancou por amor de espancar. Espancou-se sem escopo. Operários e estudantes, alunos, intelectuais ou analfabetos foram torturados a trouxe-mouxe, mesmo quando já não tinham nada que dizer, mesmo quando tinham dito mais do que tinham feito.

Escolhamos apenas alguns casos. Em Gherla foi morto em torturas o famoso socialista Flueraş. Quanto a seus torturadores, persistem duas versões. Segundo uns, teria sido morto por Juberian — estudante da Faculdade de Filosofia de Cluj; segundo outros, entre os quais D. Bacu, Juberian não teria feito senão assistir, enquanto que Flueraş era espancado com sacos de areia, até a morte, por Ludovic Reck, um dos reeducadores temidos em Gherla, ex-secretário da Juventude Comunista de Ardeal, preso depois como agente da Securitate. Teria torturado Flueraş, que tinha quase setenta anos, numa cela do térreo da prisão de Gherla, ajudado por Henteş.

Se é controverso o nome do torturador de Flueraş, ao contrário, não há dúvida de que Livinski "se ocupou" pessoalmente de Aurelian Pană, ex-ministro antonesciano da agricultura. Aurelian Pană, que fora muito gordo, passara a ser quase distrófico na prisão e dependuravam-se-lhe muitas camadas de pele. Livinski obrigava-o a desnudar-se e lhe perguntava: Dize-me, meu Pană, do que fizeste essas barrigas que se dependuram de ti? Livinski estabelecera também a resposta. Aurelian Pană era obrigado a dizer dez, vinte, trinta vezes, como um autômato: Viva, senhor Livinski, estas barrigas que se dependuram, eu as fiz com o suor e o sangue do povo.

Aurelian Pană morreu sob torturas.

Outro caso que relata desta vez D. Bacu é o de um capitão que voltou do *front* russo sem uma perna, preso em Iaşi e condenado em 1948 por atividades anticomunistas. Na Câmara 99 de Gherla, onde resistia a todas as torturas e não se deixava reeducar, foi espancado com um cabo de vassoura na cicatriz até que se reabriu a ferida e foi obrigado a ceder.

Em Gherla, foram também torturados camponeses. Acerca de um deles encontramos as seguintes informações, também de D. Bacu:

O camponês Ball, da região de Hunedoara, foi mantido madrugadas inteiras pendurado pelos sovacos, com uma mochila cheia de pedras nas costas, com os pés quase a dois dedos do chão, para não poder apoiar-se. E, porque lhes parecia que era pequeno o fardo, os torturadores penduravam-se em suas costas.

Dois, três camponeses do grupo dos partidários de Spiru Blănaru, presos em 1949 nos Montes de Banat, conseguiram enforcar-se. De resto, em Gherla houve muito mais mortos do que em Piteşti.

*** Para o Canal, partem de Piteşti duas brigadas (13 e 14) de reeducados-reeducadores. A brigada 13 era conduzida por Bogdănescu, da Faculdade de Medicina de Cluj, preso como membro de uma organização realista, e a brigada 14, por Enăchescu, liberal-tătărescian,[11] da Faculdade de Medicina de Bucareste. Os torturadores mais notórios destas duas brigadas foram Laitin, os irmãos Grama (dentre os quais um terminou por enforcar-se), Cojocaru, Climescu, Stoicescu, Lupaşcu, Morărescu. São instalados em barracas com o mesmo número da Colônia de Trabalho Península, onde procuram valer-se exatamente dos mesmos métodos que em Piteşti: saindo das barracas depois do apagar das luzes, quando a circulação era proibida, e partindo para recolher a vítima de outras barracas, colocavam-lhe um cobertor na cabeça e arrastavam-na para a barraca deles.

Das coisas acontecidas no Canal, todas as versões concordam, porque o segredo não pôde ser mantido como em Piteşti, ou mesmo em Gherla. Como D. Bacu dá muitíssimos pormenores do caso do doutor Simionescu, cuja morte não foi estranha ao encerramento da reeducação, fundamentar-nos-emos principalmente em seu relato.

Notabilidade da geração nacionalista de depois da Primeira Guerra Mundial, ocupando um posto no governo Goga-Cuza de 1938, o doutor Simionescu era conhecido principalmente no plano profissional. Professor de cirurgia e cirurgião célebre, conseguira salvar vidas humanas até na prisão (por exemplo, em Jilava operara, valendo-se de um vidro quebrado, um flegmão com

septicemia generalizada). Simionescu parece que fora preso por causa de uns contatos com personalidades do Partido Camponês (com os legionários não tinha nada que ver, já desde 1924 estava, juntamente com Dănulescu, entre os que permaneceram fiéis a Cuza, que não tinham passado, portanto, para Codreanu). Transferido de Aiud depois de uma parada curta em Poarta Albă, chegara, em 5 de maio de 1951, à Colônia de Trabalho Península, onde, como em todos os locais de detenção por que passara, granjeava a admiração de todos pela força de seu caráter fora do comum.

Bogdănescu queria transformá-lo em alcagüete e concentrava todos os seus esforços sobre ele. Já desde a primeira noite começa a reeducação. No dia seguinte, o doutor Simionescu apresenta-se na enfermaria com três costelas quebradas e, em todo o corpo, manchas de sangue negro e sangue coagulado. Xingado pelo Lugar-Tenente Georgescu, o diretor do campo de concentração, que assistia à consulta, o doutor Simionescu se dá conta que não tem nada que esperar das autoridades. As torturas continuaram noite após noite na barraca 13. Forçado também pelos seus reeducadores a pedir de casa pacotes com alimentos, foi obrigado a mentir à esposa, no locutório, dizendo-lhe que tudo ia bem. O pacote com alimentos foi aberto também na barraca 13, deles saboreando-se os reeducadores, que tinham enfiado o doutor Simionescu embaixo da mesa e o invectivavam assim (citação de D. Bacu): "Sugaste muito o suor do povo operário, bandido. Quando te banqueteavas, os operários eram mortos porque lutavam por um bocado de pão. Não é assim, ministro? Doravante chegou a tua vez de sofrer para pagares os teus pecados de outrora".

Quando o doutor sentiu que chegava ao fim da resistência, decidiu suicidar-se. E quis fazê-lo diante de todos, arremessando-se no arame farpado. Esta é a versão do livro de D. Bacu. Outros dizem que Bogdănescu, furioso por não ter obtido os resultados com a reeducação do doutor Simionescu, perdeu um dia a cabeça

e o empurrou no arame farpado e somente então o doutor teria gritado à sentinela: "Atira!". Afinal, essas duas versões não são antinômicas, porque, em qualquer caso, o assassino do doutor Simionescu é o seu torturador, quer o tenha empurrado com as próprias mãos, quer o tenha determinado a fazê-lo por si.

Era impossível no Canal manter-se o segredo de uma morte assim. A esposa dele soube e fez um escândalo no Ministério de Assuntos Internos. Parece que ela teria sido presa também; era, no entanto, tarde demais para sufocar a notícia, tanto mais que uma estação de rádio ocidental (Voz da América, BBC ou Europa Livre) teria consagrado uma emissão ao crime de Bogdănescu. A morte do doutor Simionescu teria salvado, pois, dezenas e dezenas de vidas, porque não muito tempo depois encerrou-se a reeducação. Mas, mesmo sem esse sacrifício, a experiência Piteşti passara a ser vulnerável do momento mesmo de sua expansão. O segredo absoluto podia ser mantido numa prisão completamente isolada, como na de Piteşti, um pouco menos na de Gherla, que tinha uma fábrica, mas de maneira nenhuma num lugar aberto como a Península. De uma barraca a outra, os gritos podiam ser ouvidos. Os detentos terminaram por se dar conta do que acontecia nas barracas 13 e 14, nenhum ficava depois do apagar das luzes da barraca em que morava e não se deixava enganar por nenhum estudante. Além disso, no Canal podia-se, de quando em quando, receber a visita da família. O contato com os de fora era ainda mantido também por técnicos livres. É, portanto, provável que a morte do doutor Simionescu não fez senão precipitar um processo que, de qualquer modo, teria acontecido, ou seja, a filtragem das notícias acerca da reeducação no mundo de fora.

A morte do doutor Simionescu deu lugar, na Península, a um interrogatório, que estava também na ordem distorcida de um tal regime. O Ministério de Assuntos Internos — o iniciador da experiência —, quando vê que já não pode ser mantida em segredo, ordena um interrogatório, para escapar da responsabilidade. Por enquanto, os bodes expiatórios são

procurados apenas no nível dos executores de alto grau. Do interrogatório foram encarregados os coronéis da Securitate, Cosmici e Crăciunaş e, em conseqüência, cerca de dez dentre os estudantes-reeducadores foram transferidos para outra parte. Por enquanto, ninguém sabia para onde. O diretor administrativo Georgescu foi substituído por um outro diretor de prisão, Lazăr, o que não parecera num primeiro momento um bom sinal, porque Lazăr fora terrível na prisão de Făgăraş. Mas aqui, na Península, o homem mudou, ou mudaram as ordens. Antes, as ordens. Lazăr tornou-se outro, e D. Bacu descreve as novas condições introduzidas por ele: as barracas 13 e 14 foram desfeitas, os reeducadores secundários, espalhados, sem poderes especiais, para outras barracas; diminuíram-se as metas de trabalho, melhoraram as condições de higiene. Lazăr foi até o ponto de recusar vagões com alimentos alterados (cenouras e legumes em conserva), declarando que não poderia obter nenhum rendimento dos detentos com esse tipo de ração. Os que se encontravam na Península nesse período não podiam crer nos próprios olhos, nunca se viu um tal diretor na administração das penitenciárias. Sob esse signo inesperado encerrou-se a reeducação na Colônia Península.

*** Os veteranos da reeducação encontravam-se, porém, em Gherla. Ora, num belo dia, em meados do ano de 1952, o oficial político anuncia que uma série de detentos começa a fazer as bagagens. Na lista, os maiorais da ODCC : Ţurcanu, Popa Ţanu, Mărtinuş, Morărescu, etc. Não é muito grande a surpresa, porque os reeducadores esperavam a recompensa. Ţurcanu dissera-lhes, na verdade, que o Partido, que lhes apreciava o devotamento, dar-lhes-ia a honra de integrarem os quadros do Ministério dos Assuntos Internos como oficiais da Securitate. Chegaram até a repartir entre si os graus; Ţurcanu se via coronel; Popa Ţanu, locotenente coronel; Livinski, Mărtinuş e os outros, no grau de majores.

Depois deles, em Gherla, os reeducadores depõem também mais zelo, para merecerem, também eles, o mesmo tratamento de favor. Depois de dois, três meses, um segundo lote, tendo à frente Juberian, desaparece de Gherla. Depois dessa segunda saída, chega afinal, provavelmente em agosto, uma disposição clara para o encerramento da reeducação com torturas. Os detentos são encorajados a exprimir, doravante, o devotamento ao Partido mediante os meios clássicos — alcagüetagem — e já não se permitiriam derrogações de seu estatuto de detentos. Ninguém poderia, pois, andar pela prisão como se estivesse em casa, beneficiando-se das vantagens do pessoal administrativo, como tinham feito os chefes da reeducação.

Portanto, o *fenômeno Piteşti* se encerrou sem que ninguém se desse conta. Desmascarados e desmascaradores, atores e vítimas crêem que se trata apenas de uma pausa, para o relançamento da operação em escala ainda maior. Transferidas para Bucareste, as notoriedades dos reeducadores não têm nenhum tipo de pressentimento, e tudo, no começo, parece dar razão ao otimismo deles. São colocados em celas com outros detentos, levados a interrogatório de manhã, levados, em geral, de volta apenas à noite, cheirando a tabaco e recusando-se a comer da ração dos detentos. Eram, pois, bem tratados e eram-lhes feitas as promessas que esperavam: que estariam na Securitate; que o que tinham feito era tão extraordinário, que se teria de seguir exatamente este modelo em todos os quadros da Securitate; que havia necessidade, pois, que descrevessem a experiência e os métodos pelos quais a levaram a cabo, até os mínimos pormenores.

Pressupunha-se que Ţurcanu teria escrito cerca de duas mil páginas, analisando as torturas que inventou e fazendo considerações psicológicas acerca do poder de resistência em categorias de homens, assim como acerca dos meios de quebrar essa resistência. Se isso é verdadeiro, dada a inventividade demoníaca e proverbial de Ţurcanu em matéria de tortura, assim como sua notável inteligência — uns dizem mesmo luciférica —,

então os arquivos da Securitate possuíram uma segunda obra de um outro Marquês de Sade, com uma experiência infinitamente mais rica, como não poderia oferecer senão um regime totalitário. Essa obra, se existiu, é quase certo que foi destruída depois do processo.

Depois que os chefes da reeducação escreveram por meses, depois que se juntaram maços de documentos, foi-lhes pedido que dessem prova de lealdade, fazendo uma declaração de que fizeram tudo sem o conhecimento das autoridades do Partido e do Estado, e mesmo das autoridades da prisão. Uma declaração puramente formal — acrescentar-se-ia —, para o caso de as coisas serem algum dia descobertas.

Dando-se conta, afinal, do laço estendido, recusaram. Tornava-se evidente para todos eles que, assumindo toda a responsabilidade, seriam transformados em bodes expiatórios, em lugar do Estado, do Partido, da Securitate, cujas ordens, transmitidas por Nikolski, tinham executado em lugar da administração penitenciária, dos diretores das prisões, dos oficiais políticos, que tinham sido cúmplices com eles.

Cada um deles foi então isolado, e submetido a que pressões, a que torturas? De qualquer modo, sabendo o que deveriam esperar, resistiram por um tempo bem longo: a preparação do processo levou cerca de dois anos. Mas, nem todos cederam. Măgirescu e Calciu recusaram-se até o final a dar as declarações exigidas. D. Bacu faz eco aos boatos segundo os quais Calciu teria reclamado que Nikolski, o verdadeiro culpado, fosse citado como testemunha no processo. Mas, acrescenta ele, no banco de réus deveria ainda encontrar-se: Jianu e Teohari Georgescu, ex-ministro de Assuntos Internos, Drăghici e Borilă, ministros da Securitate, Dulgheru, o chefe das brigadas móveis, Koller, Goiciu, Mihalcea, Avădanei, Gheorghiu, Dumitrescu, Kiron, Archide, Gal, o guarda Cucu, Niki, Mândruț, Ciobanu etc., etc.

Não estarão presentes nem eles, é claro, nem os que teriam arriscado reclamar a presença de todos, como teria sido Calciu, que foi julgado separadamente, assim como Măgirescu, de outro modo. Depois que fossem excluídos do processo todos os acusados, a antiga pertença política teria destruído a plausibilidade da tese oficial segundo a qual os reeducadores não eram senão agentes de Horia Sima. Não são, pois, implicados os notórios torturadores da ODCC , como Titus Leonida (do Partido Camponês), Bogdănescu (realista) — o assassino do doutor Simionescu —, Ludovic Rek (comunista), Enăchescu (liberal tătărescian) que torturava no Canal seu próprio tio até que este cuspisse sangue, Cori Ghermman (socialista), Fuchs e Steier (sionista), Dan Diaca, com seu célebre golpe no fígado.

Não são mantidos senão os que, de uma maneira ou de outra, tinham tido alguma ligação com a Guarda de Ferro, por mais transitória que tivesse sido, como era o caso do próprio Ţurcanu, que passara muito mais tempo no Partido Comunista do que nas "irmandades da cruz".

*** Antes de chegar à versão aberrante da acusação, não é provavelmente inútil tentarmos um histórico curto — e certamente incompleto — da política do Partido Comunista para com os legionários.

Depois de 23 de agosto, quando se instituíram nas aldeias as comissões que escolheriam os legionários mais perigosos para serem enviados a um campo de concentração recém-inaugurado em Târgu-Jiu, não eram os comunistas os mais radicais, mas os representantes dos partidos históricos. O Partido Comunista tentará, por outros meios, uma captação ou uma neutralização das forças legionárias.

Em 1945, chegam de pára-quedas uma série de legionários do estrangeiro, sendo os mais importantes Nicolae Pătraşcu, Victor Negulescu e Nistor Chioreanu. Pouco tempo depois disso, são

presos e submetidos a uma chantagem política. A ligação de Pătraşcu com o Partido Comunista fez-se por Victor Negulescu, o primeiro preso de Nikolski. Estavam próximas as eleições de 1946. Os comunistas temiam que os legionários participassem das eleições, integrando-se no Partido Nacional-Camponês, principalmente porque, um ano e meio antes, um legionário, sem mandato neste sentido, fizera uma circular, convidando seus camaradas a inscreverem-se num dos quatro partidos políticos admitidos na lei: o camponês, o liberal, o socialista ou o comunista, e desligando-os, neste escopo, do juramento dado. Ana Pauker fizera até umas defesas dos legionários, afirmando que alguns dos que tinham chegado por caminhos errados, tinham partido certamente com boas intenções, sendo sua insatisfação social real e justificada. Ela invocara a tese marxista da falsa consciência, dando o exemplo dos operários que se tinham tornado apoiadores da política bismarckiana, quando deveriam, no fundo, aproximar-se do Partido Social-Democrata alemão dessa época.

As tratativas para uma espécie de pacto de não-agressão foram conduzidas, da parte dos comunistas, por Nikolski, Teohari Georgescu e Ana Pauker, e da parte dos legionários, por Pătraşcu, Victor Negulescu, Nistor Chioreanu.

Conforme esse pacto, os legionários se comprometiam a não participar, sob nenhuma forma, das eleições, não dando seu apoio aos partidos camponês e liberal; a se autodissolver como organização política; a renunciar a qualquer forma de agitação anti-semita; a dar plena liberdade aos membros da Guarda de Ferro de inscrever-se no Partido Comunista.

Em troca, os comunistas prometiam libertar todos os legionários do campo de concentração de Târgu-Jiu, assim como os que foram condenados por Antonescu depois da rebelião e que ainda estavam nas prisões; a não prender os que tinham vindo da

Alemanha, com a condição de que eles se apresentassem, na chegada ao país, aos órgãos de polícia.

Na aplicação do pacto, cada um procurou, de fato, batotear. Pelos legionários, Pătraşcu fez uma circular de dissolução, é certo, mas depois de três meses, deu um contramandado por outra circular, clandestina, de reorganização. Radu Mironovitch, fundador do movimento legionário, recusara-se a reconhecer a legitimidade do pacto. Quanto aos comunistas, dissolveram o campo de concentração de Târgu-Jiu, mas não libertaram os detentos condenados por Antonescu. Nesse ínterim, o homem de ligação dos legionários, que se encontrava, de quando em quando, com Nikolski no Ministério de Assuntos Internos, era Victor Negulescu.

Na madrugada de 15 de maio de 1948, que — juntamente com a madrugada de 15 de agosto de 1952 — figura entre as mais ativas da história da polícia secreta comunista, são presos principalmente legionários, sendo o primeiro o próprio Victor Negulescu, por Nikolski em pessoa e no escritório deste no Ministério de Assuntos Internos.

Ora, para o estabelecimento do ato de acusação do processo dos reeducadores, segundo o qual o comandante legionário teria sido ligado pela experiência em Piteşti, partiu-se de apenas um único fato real. Um dos reeducadores, Nuți Pătrăşcanu, esteve em Jilava, exatamente na mesma câmara com Victor Negulescu e perguntou-lhe que deviam fazer os jovens legionários em caso de serem torturados. Ceder de algum modo, ser reeducado? Victor Negulescu teria respondido quase textualmente: “Não se pode dizer desde agora o que fareis. Vede também vós o que acontecerá e, se for assim, se vos matarem, não vos ponhais na posição de *teimosos* (esta parece que foi a expressão exata), ou seja, não vos deixeis matar, fazei pequenas concessões ”.

No que diz respeito a Victor Negulescu, os que o conheceram em Aiud dizem que não fez nem a mais mínima concessão. Sem dúvida, não se sentia ainda no direito de aconselhar alguns jovens a resistir às torturas em nome de uma intransigência que ele se impunha a si mesmo.

Victor Negulescu foi levado como testemunha no processo e, quando foram lembradas suas palavras e a expressão "não vos ponhais na posição de teimosos", aparentava, dizem os presentes, como caído da Lua, não entendendo de maneira nenhuma como se pode fazer tal encenação. Depois disso, foi reconduzido a Aiud, onde morreu, gravemente doente de tuberculose. Fora convocado apenas na qualidade de testemunha, porque não se puderam juntar os elementos necessários para sua implicação no processo.

*** Assim se ilumina mais precisamente a versão da acusação. Por volta de 1949, Horia Sima teria transmitido a Ţurcanu a ordem de introduzir nas prisões uma ação de terror, e em Jilava a ordem dele foi renovada por Victor Negulescu, que teria dito a Nuţi Pătrăşcanu para fazer todo o possível para comprometer nas prisões o Partido e o governo por ações violentas. Aproveitando-se da falta de vigilância, certamente lamentável, de alguns órgãos da prisão de Piteşti, esses legionários iniciaram na prisão uma série de ações de tortura (não se menciona, obviamente, nada acerca da organização dos detentos com convicção comunista, ODCC). O Partido, quando desmascara essas tramas criminais, entrega à justiça os responsáveis por ações fascistas.

A versão é tão absurda, que não se lhe acorda a publicidade prevista inicialmente; o processo acontece em grande segredo e nem nas prisões o arranjo é conduzido com muita convicção. Podia ser que a primeira versão em que se pensara, segundo o que pareceu às autoridades, ou seja, de associar o *fenômeno Piteşti* a Ana Pauker e Vasile Luca, tivesse mais chances de verossimilhança. De qualquer modo, os reeducadores, tendo à frente Ţurcanu, foram levados a interrogatório em Bucareste, mais

ou menos no mesmo momento em que caíram Ana Pauker, Teohari Georgescu e Vasile Luca. Não se sabe se a idéia existiu verdadeiramente, assim como não se sabe por que foi abandonada em favor de uma encenação tão ilógica.

Os verdadeiros iniciadores estiveram, portanto, ausentes deste processo, para que, de maneira nenhuma, nem mesmo pelos seus chefes repudiados, o Partido fosse implicado.

Nos bancos dos réus encontrar-se-ão duas categorias de bodes expiatórios: culpados integralmente, ou seja, os que começaram, sob as ordens de Ţurcanu, a torturar, sem que tivessem sido anteriormente torturados eles mesmos (Popa Ţanu, Livinski, etc.), e culpados-não-culpados, carrascos-vítimas, torturados-torturadores, os que foram reeducados antes de se tornarem, a seu turno, reeducadores. Uma categoria que Thierry Maulnier não conhecia quando escrevia, depois do processo Mindszenty, em *La Face de méduse du communisme:* "Diante de um tribunal de democracia popular, ninguém pode estar seguro de ser Antígona, porque Antígona mesma, se aparecesse hoje diante de um tribunal de uma democracia popular, diria sem dúvida: 'Eu era paga'".

Quem poderia verdadeiramente prever que se percorreria uma nova etapa de degradação do acusado e que, uma vez com o *fenômeno Piteşti*, Antígona não apenas não poderia proclamar a própria inocência, não apenas seria desonrada, mas, de vítima, transformar-se-ia, a seu turno, em carrasco? Diante de um Mindszenty, cobrindo-se sozinho de infâmia, o mesmo Thierry Maulnier exclamava: "Recolhamo-nos diante deste cadáver, o cadáver da consciência esmagada!".

Mas, na destruição do homem, foi-se ainda mais além: à vítima não apenas era negado o martírio, ela podia ser obrigada a martirizar, a seu turno. A quem mais julgas em tal extremo e como? O tribunal militar do processo Piteşti não se fez esse tipo de pergunta. Doutro modo, não foi para se fazer essa pergunta

que se reuniu, mas para condenar os que estavam marcados pelo Partido. E os condenou à morte.

Da execução da pena escaparam, por uma sorte cega, dois condenados: Popa Alexandru, dito Popa Țanu, que era, até havia poucos anos — e pode ser que ainda o seja — secretário da Sociedade de Ciências Médicas de Sibiu, e um torturador não de vocação, como o primeiro, mas comum, dentre os torturados antes deles mesmos, Voinea. Nenhum pôde ser executado imediatamente, passando a ser interrogados quanto a um novo lote chegado às prisões. Até que se terminasse o interrogatório, morreu Stálin, interveio a distensão, as penas de morte foram comutadas em trabalho forçado perpétuo, e, afinal, produziu-se a anistia geral de 1964.

Temos ainda de lembrar que o processo que começou no mês de outubro de 1954 (a sentença não foi dada senão em dezembro) tinha como presidente do conselho o mesmo Alexandru Petrescu, de sinistra memória, que se salvou do expurgo condenando Iuliu Maniu, e que sentenciou, além de dezenas e dezenas à morte, outros a centenas de milhares de anos de prisão, dados, diz-nos D. Bacu, apenas no processo legionário. Um especialista, pois.

Um único culpado teria sido certamente condenado por qualquer tribunal do mundo: Țurcanu. Entre Verkovenski, de *Os demônios,* e um Marquês de Sade que tivesse escrito sua obra não no papel, mas no corpo humano, página após página, corpo após corpo, Țurcanu representa, certamente, um caso específico de patologia mental. Mas apenas num regime tal o sadismo podia ser colocado a serviço de uma assim dita justiça, e a patologia individual, transformada em patologia coletiva, de partido e de Estado.

Os que tremeram, gemeram, uivaram, e se renegaram sob os golpes de Țurcanu, lembram-se sem dúvida de uma cena do dia de Natal de 1949, na prisão de Piteşti, algumas semanas antes do começo da reeducação. Na Câmara 4, Hospital, cheia, de manhã

até a noite, dos gritos dos torturados, reina uma tranqüilidade incomum. Há cerca de duas horas Ţurcanu está à janela, olhando a neve cair. Cada um contém o fôlego. As vítimas de Ţurcanu deveriam estar, quanto possível, satisfeitas: qualquer instante em que ele está absorvido pela neve de fora é um instante ganho sobre a tortura, a dor, o medo. E todos desejavam que esta contemplação espantosa, muda, se prolongasse. Mas, ao mesmo tempo, a espera tornava-se intolerável, como que amplificando na imaginação as torturas que haveriam de vir. Essas duas horas em que Ţurcanu esteve imóvel à janela pareceram intermináveis a todos os que se encontravam então na Câmara 4, Hospital. E, de repente, saindo deste sonho que não lhe estava na natureza, deste estado em que ninguém o surpreenderia mais, Ţurcanu voltou-se para os detentos e exclamou: "Bandidos, por causa de vocês não posso estar hoje, Natal, com minha esposa e com minha filhinha". A esposa chamava-se Oltea, a filhinha, também. E Ţurcanu, o feroz Ţurcanu, o sádico Ţurcanu, o torturador Ţurcanu, para quem o semelhante não parecia ser senão um terreno de experiência para determinar os limiares de resistência entre a vida e a morte do corpo, os limiares entre o ser e o não ser da alma, Ţurcanu era — parece — o mais terno pai do mundo.

Há tiranos que não podem ver matar uma mosca, há carrascos extremamente sensíveis. Hitler não suportava a visão de sangue, e alguns comandantes de campos de concentração nazistas, depois que enviavam os detentos para as câmaras de gás ou os enterravam vivos, voltavam para suas barracas e tocavam Mozart. A maior parte dos carrascos e tiranos são maridos exemplares e pais extremosos. Ao lado deles, portanto, ao lado dos comandantes, interrogadores, torturadores do Arquipélago Gulag descritos por Soljenítsin, deve ser posto também nesta lista de abjeção o nome do demoníaco Ţurcanu. Mas sem esquecer um instante que não foi senão um executor e que, de fato, uma vez com a condenação dele, o processo do *fenômeno Piteşti* não se encerrou. De fato, o verdadeiro processo de reeducação de Piteşti não ocorreu ainda e não ocorrerá enquanto não se puder implicar

a responsabilidade do Partido Comunista Romeno, enquanto não for chamado às barras dos tribunais o verdadeiro culpado: o regime comunista da Romênia.

*** No Arquipélago Gulag, das estepes russas até o centro da Europa, por toda a parte onde se estendeu o império soviético, o arsenal de crueldade se desenvolveu como num meio natural. Por toda a parte houve carrascos sádicos, torturas inimagináveis, falsos testemunhos, assim como falsos processos, matança sistemática por todo tipo de método, desde a inanição até as torturas.

Mas nenhures reencontramos a essência do *fenômeno Piteşti*, que consta na transformação sistemática da vítima em carrasco e na desagregação psíquica dela pela tortura dos detentos por outros detentos.

Temos de mudar-nos para outro continente para dar, na China comunista, com quase o mesmo princípio, ainda que fossem atenuados os métodos de aplicação.

Falou-se bastante da *lavagem cerebral*, operação especificamente chinesa, principalmente depois da guerra da Coréia. Mas, até 1964, a realidade desta fórmula escondia permaneceu bastante confusa. Foi então que, em 1964, apareceu, em cerca de dez línguas, o testemunho de um padre católico belga, Dries Van Coillie, *Suicídio entusiasta*, escrito em língua flamenga e intitulado, na tradução francesa, *J'ai subi le lavage du cerveau* (Submeti-me à lavagem cerebral).

O Padre Dries Van Coillie, nascido em 1912, na Bélgica, fora nomeado, em 1938, professor num seminário da China. Ao tempo da guerra, fora mantido pelos japoneses num campo de concentração, entre 1943 e 1945. Preso em 1951, em Pequim, sofreu lavagem cerebral por trinta e quatro meses, antes de ser

libertado e expulso em 1954, por ocasião da Conferência de Genebra.

Somos obrigados a nos ocupar de seu testemunho porque a comparação com a experiência de Piteşti impõe-se por si, conquanto não possamos deduzir que esses dois fenômenos, embora concomitantes, tivessem tido alguma relação entre si. Não esqueçamos que o aparato repressivo da Romênia dependia diretamente de Moscou (a presença de Nikolski à frente dele atesta-o suficientemente) e que não era Pequim quem nos ditava nesse domínio. De qualquer modo, certos pontos de interferência são muito perturbadores para não os lembrarmos aqui. No prefácio do livro de Van Coillie, Gabriel Marcel, que escreveu um estudo acerca de "técnicas de humilhação" praticadas pelos comunistas nas suas prisões, declara-se chocado principalmente por esta passagem do testemunho do padre belga:

> Depois da sua libertação, o autor desta obra encontrou-se um dia com o Padre Ulrich Lebrun, que teve a infelicidade de ser preso, um após outro, no campo de concentração de Buchenwald e nas prisões de Pequim. Dries Van Coillie pergunta-lhe: "Onde sofreste mais? Em Buchenwald ou em Pequim?". A resposta é clara: "Prefiro dez anos de Buchenwald a um único ano de Pequim". E não tarda a explicação. Em Buchenwald, depois dos sofrimentos suportados da parte dos carrascos, o prisioneiro encontrava-se na amizade ardente e viril dos outros prisioneiros. Ao passo que, em Pequim, seus irmãos de sofrimento eram os que os perseguiam com seu ódio e ataques.

Houve, pois, desde o começo, um denominador comum entre essas duas experiências, de Piteşti e de Pequim. Para ver a sua execução na prática, adentremos com Van Coillie na cela de uma prisão de Pequim, onde o prisioneiro era entregue pelo guarda ao chefe da cela, que dera tantas provas de arrependimento, progredira então na doutrina comunista, ao passo que as autoridades da prisão o consideravam um "elemento positivo", um "progressista". Não apenas reconhecera todos os crimes, mas forçava também a seus camaradas de cela a desmascarar-se. Outro termo que conhecemos de Piteşti.

No que diz respeito à *reeducação* no estilo chinês, eis o que se diz a um prisioneiro no interrogatório:

> Ninguém pode sair da prisão sem tornar-se cem por cento comunista. Tens, pois, de mudar. Renuncia às convicções e aos costumes reacionários. Não é suficiente prometeres, não precisamos de palavras, mas de fatos. Quando souberes reconhecer teus crimes, quando aprenderes a acusar os outros, mesmo a teus melhores amigos, quando espionares de modo eficaz os camaradas de cela e cuspires no rosto do inimigo do povo, quando participares com alegria da "lavagem cerebral", quando *suicidares com entusiasmo a tua personalidade* [...], então, e só então, teremos prova de que fazes parte integrante do povo.

Deve-se reter principalmente uma expressão: *o suicídio da personalidade*. Van Coillie volta, em outro passo, a ela: "Num lento suicídio da personalidade, começas a assemelhar-te aos outros, a pensar como eles. Perdes-te na massa".

Para se obter tal resultado, as autoridades fixam algumas regras estritas, que têm de ser respeitadas pelos detentos, sendo cada desvio punido asperamente. São destinadas a criar uma animosidade contínua entre os detentos. Leiamos deste decálogo da denúncia sistematizada:

> Não tens autorização para adivinhar nenhuma preferência por um detento ou outro. Não deves dirigir nunca a ninguém um sorriso amigável. Não tens autorização para falares baixinho com ninguém, mas apenas em voz alta, e mesmo assim, não acerca de coisas pessoais, não acerca de teu passado, e, principalmente, não acerca dos planos do futuro. O único assunto admitido é a formação marxista. Não deves emprestar nenhum objeto: sabonete, papel, lápis, nem receberes algo de outro detento. Não deves tomar nunca a defesa de um co-detento. Ao contrário, és obrigado a criticá-lo, a atacá-lo, a cobri-lo de injúrias.

É o que no jargão comunista chinês se chama "ajudar". Um detento "ajuda" outro, atacando-o, sendo necessário, batendo nele, sempre denunciando-o:

> O que quer que, na atitude, nas palavras, nos gestos, no olhar, no modo de comer, de andar, de dormir de um prisioneiro não seja conforme totalmente com a maneira de se portar de um bom comunista, o que quer que te pareça reacionário, deve ser imediatamente denunciado. Quem não o faz é considerado mais culpado do que o próprio culpado, e condenado como tal.

Mas não deves "ajudar" apenas os outros, mas também a ti mesmo:

> A qualquer instante, deves estar pronto a confessar tudo o que te passa pela cabeça: os sentimentos mais íntimos, os erros do passado, os restos reacionários do presente. Não passa um dia sem confessares um novo crime nem dares prova de arrependimento.

E comenta Van Coillie:

> A lavagem cerebral tinha sua própria técnica. [...] Cada prisioneiro tinha recebido a ordem de dizer o contrário do que pensava. Cada vez mais freqüentemente, até se convencer sozinho. Assim se desenvolve o suicídio moral.

A técnica de lavagem cerebral é semelhante à de Piteşti, mas consideravelmente atenuada. Quando o detento volta do interrogatório, acorrentado, porque se recusou a reconhecer crimes imaginários, o chefe da cela ordena-o a estar toda a madrugada de pé, sob a vigilância de outro detento. Se não cedeu, no dia seguinte, de manhã, os detentos o cercam e, por ordem do chefe, começam a cobri-lo de injúrias, a cuspir nele, a bater nele. Se, entre os detentos, algum não põe suficiente alma em todas essas ações, então o chefe coloca-o também na lista de suspeitos. Nesse ínterim, o detento que deve ser "ajudado" e que tem as mãos acorrentadas, come, assim como em Piteşti, lambendo com a língua. Chega a ser ameaçado que se lhe vão dar de comer excrementos. É obrigado a estar de joelhos, numa posição em que as correntes dos pés lhe entram na carne.

Embora exista tortura, não é, porém, ininterrupta, como em Piteşti, não como um escopo em si. Quando o detento cede e confessa o que se lhe pede, encerra-se a tortura, tiram-se-lhe as correntes, pode dormir, pode receber visitas e comida de fora, pode *estudar*... Quando cessam as pressões físicas, a reeducação continua por um *estudo* de um gênero à parte. Não se trata apenas de comentários e discussões acerca de artigos de jornal ou acerca de textos marxistas, mas de estudo de teu próprio caso, de confissões que tens de continuar a fazer, de crimes que és obrigado a inventar ainda mais, em confissões públicas e "ajudado" por co-

detentos. Organizaram-se até mesmo "campanhas de concurso". Por exemplo, uma campanha de confissões, para ver que equipe teria mais crimes para confessar:

> Cada prisioneiro procurava ultrapassar os outros. Utilizavam-se táticas diferentes; podias ou manter em reserva as confissões mais belas para a reunião seguinte, ou lançar tudo de uma vez, para que a amplitude da confissão te levasse ao primeiro plano. Os dois chefes da cela anotavam febrilmente cada pormenor deste novo interrogatório: a participação na organização de espionagem, a propagação de notícias falsas, os furtos de armas, os estupros, as sabotagens de estradas de ferro etc., etc. [...]. Os que, entre nós, conseguiram inventar mais crimes, foram assentados de um lado da plataforma, no lugar que se chamava *a montanha*, porque, os que se achavam ali, dominam — não é assim? — os outros. Os da montanha vociferavam para nos impelir a segui-los, sentiam-se tão bem nesses cumes de onde lhes parecia que entreviam a liberdade. "Venham" — gritavam-nos eles —, "subam sob o sol do presidente Mao! Nós abrimos os braços para vocês!".

O jogo com a montanha recomeçava a cada dia. As confissões eram entregues ao juiz e postas no dossiê do culpado. E este já não sabia o que inventar para manter-se nas alturas, para não cair no vale:

> Um prisioneiro da cela 19 precipitou-se chorando, e começou a acusar o próprio pai dos crimes mais terríveis. Tornou-se, assim, o herói do dia. Deixou o vale para subir à montanha, foi aclamado, mas continuou a chorar.

E Van Coillie volta ao "suicídio da personalidade":

> Pode-se, por acaso, inventar um método mais devastador para a personalidade? Terminávamos por não mais estar em condições de distinguir o que era verdadeiro do que era inventado, a verdade da mentira. Uns mais vulneráveis tinham começado a delirar, já não encontravam palavras. A perturbação mental acentuava-se a cada dia. Algumas vezes, os que se confessavam com tanto entusiasmo, caíam no choro. Choravam por causa da ferida que se aprofundava cada vez mais neles. Essas lágrimas atingiam-nos a todos, porque todos estávamos feridos.

Por trás dessas campanhas de confissões públicas, das reuniões de estudo, encontra-se, *omni-dominante*, a sombra do cárcere, da tortura, do espancamento que intervinham diante da mais mínima hesitação. Mas, no começo de 1952, chega a ordem de que os detentos já não recorram aos meios de pressão física contra os outros detentos.

Doravante, era proibido aos prisioneiros, sob ameaça de sanções, valer-se de meios de constrangimento contra seus colegas. As autoridades reservavam para si o direito exclusivo de torturar. Haveríamos de descobrir mais tarde que dois fatores tinham motivado esta reforma. Primeiro, uma intervenção diplomática das embaixadas estrangeiras perante Chu En-lai, depois da visita à China da delegação indiana conduzida pela irmã de Nehru; depois, a luta conduzida nas altas esferas contra os três grandes pecados da administração e do Partido: a burocracia, o *comandismo* (o emprego da violência sistemática e do constrangimento cego diante das massas), a violação das leis e da disciplina.

Evidentemente, as coincidências de datas são perturbadoras: no começo de 1952, a reeducação com torturas encerrara-se na China e, no meio daquele mesmo ano, na prisão de Gherla, onde se encontram os reeducadores vindos de Piteşti, chega uma ordem semelhante. Mas não insistiremos, porque, repetimos, não temos absolutamente nenhum elemento que permita a hipótese de que Bucareste tivesse copiado Pequim numa época em que o modelo exclusivo era Moscou. Não é menos verdade que, assim em Piteşti como em Pequim, era o mesmo o princípio: fazer dos detentos carrascos dos irmãos de sofrimento, não permitir que a cela fosse um lugar de solidariedade, de descanso interior, de reconstrução moral; destruir as forças psíquicas do prisioneiro, obrigando-o não apenas a inventar crimes, não apenas a repetir infindavelmente coisas em que não crê, mas também a tornar-se o carrasco dos outros.

Havia também diferenças. Em Piteşti, a experiência foi imposta até os seus limites extremos: a tortura ininterrupta que levava à desintegração psíquica do detento. Na China, por exemplo, um Van Coillie, depois que reconheceu todos os crimes de espionagem possíveis, pôde até o fim declarar que não aprovava o materialismo ateu. Tal resistência teria sido inimaginável em Piteşti. Numa emulação possível e sinistra entre os dois sistemas de reeducação, Piteşti ter-se-ia saído vencedora.

*** Quando Dries Van Coillie sobe ao navio que o distancia da China, encontra-se com um grupo de russos. Aproxima-se deles e lhes diz em inglês: “Vindes da União Soviética. Sois nossos irmãos.

Deveis saber que sou um criminoso. Outrora, falei mal de vós, mas, nesse ínterim, abriram-se-me os olhos. Tive o privilégio de 'estudar' na prisão e agora sei tudo o que realizaram nossos irmãos soviéticos".

Só que os russos do navio eram russos brancos. Continua Van Coillie:

> Comecei a analisar o que dissera: acreditava verdadeiramente? Em parte, sim. Em parte, de maneira nenhuma. Falava sob o impulso de uma psicose de angústia e pelo costume de repetir o que nos fora afirmado milhares de vezes. Se apertar o botão "União Soviética", o robô desenvolve uma litania automática. Mais de seiscentos milhões de chineses fizeram o mesmo, as crianças de oito anos, os velhos de noventa anos e os pertencentes a todas as idades intermediárias. Este é o resultado da "lavagem cerebral". Mas, à medida que falava com os homens livres e verificava que ninguém me espionava, começava a jogar para fora de mim, pedaço a pedaço, o mecanismo de constrangimento hipnótico. Voltava a ser livre.

Em 1964, quando é publicado o livro de Van Coillie, é expulsa da China uma segunda testemunha, Jean Pasqualini, que publica, em 1975, seu testemunho acerca dos campos de concentração chineses, escrito em colaboração com o jornalista americano Rudolf Cheminski e intitulado, na tradução francesa, *Prisonnier de Mao*.

Até 1952, assim como a sofreu Van Coillie, a reeducação chinesa, vimos agora, apresenta numerosas semelhanças com a de Piteşti. Assim como a viveu, depois desse, Pasqualini, sem nenhuma tortura ou violência física, a lavagem cerebral dá, paradoxalmente, mais resultados. O "cérebro" de Van Coillie é menos "lavado" pelas torturas do que o de Pasqualini, sem torturas.

Quando aparecem seus testemunhos, o de Van Coillie é como um grito de horror, de repulsa, ao passo que Pasqualini sente sempre a necessidade de afirmar que ele não faz nenhum tipo de polêmica, e, embora as coisas relatadas por ele pareçam ser extraídas do livro *1984,* de George Orwell, dedicou o volume "ao presidente Mao Tsé-Tung e ao General de Gaulle, que, um e outro, fizeram

muito por mim sem que eu me desse conta". O General de Gaulle o libertara sem saber, reconhecendo no plano diplomático a China comunista. Mas Mao? Seria apenas uma prova de humor negro de Pasqualini? Não totalmente, porque ele fazia questão de advertir aos jornalistas, quando do lançamento do livro: "No decurso de minha detenção, recebi conhecimentos úteis, e quando fui libertado, já não era o homem de antes".

Poder-se-ia falar quase de uma lavagem cerebral exemplar se o testemunho de Pasqualini não contradissesse a cada linha o autor, revelando um pensamento duplo constante. O fato de Pasqualini ter permanecido, dez anos depois de sua libertação, a vítima, mesmo parcial, de tal desdobramento, faz-nos refletir seriamente sobre a eficácia da reeducação chinesa. Antes de ver, contudo, através de qual método obtiveram os chineses tal resultado, deve-se estudar a testemunha.

De pai francês e mãe chinesa, Jean Pasqualini nasceu na China e viveu ali apenas até 1957, quando foi preso. Com um diploma de técnico especialista em maquinários, ele trabalha, imediatamente depois da guerra, na missão militar americana — donde sua prisão. Uma vez que é preso, não tem, de maneira nenhuma, a intenção de resistir aos seus interrogadores. Está pronto a confessar qualquer coisa, apenas não sabe o quê. O seu interrogador poderia ter dispensado de levá-lo a uma sala com aparelhos de tortura: Pasqualini já estava disposto a reconhecer os pecados mais imaginários. De fato, a sala não era senão um "museu de torturas", e o interrogador não o levara ali senão para poder dizer-lhe: "Os que se valem da tortura fazem-no porque são mais fracos do que as vítimas deles. Nós, ao contrário, somos mais fortes do que vocês, e os métodos de que nos valemos, cem vezes mais eficazes".

O principal método pelo qual se obtêm não apenas as confissões dos prisioneiros, mas também seus louvores sinceros que devem levar ao regime comunista, chama-se "tentação" ou "prova". Esta

invenção especificamente chinesa, que combina a intimidação, a humilhação e o exaurimento, era praticada não apenas nas prisões chinesas, mas também na vida cotidiana. Só que, na prisão, os detentos eram os que a aplicavam sozinhos. Todos os detentos de uma cela lançavam-se sobre a vítima e maltratavam-na até quando cedia — o princípio permanece o de Piteşti. Mas sem tortura. Ora, se em Piteşti a tortura explicava tudo, aqui, a simples pressão psíquica — com uma única condição: ser constante — é suficiente para obter-se o desmoronamento moral. De fato, a "tentação" não é praticada sempre, mas a vigilância e a denúncia não conhecem pausa. Cada detento tem seu próprio dossiê mantido pelos outros detentos, no qual tudo é anotado, e a perspectiva de ser submetido à "tentação" lhes parece tão terrível — ou quase — como a de um suplemento de condenação. Em que consiste a "tentação"? "[...] Um mau-trato intelectual exercido coletivamente contra um único homem sem defesa", escreve Pasqualini. A técnica é extremamente simples: um crescente impiedoso e horrível de berros, lançados contra uma vítima para que ela confesse, e depois, a cada confissão considerada insuficiente, outros berros. O barulho que rompe o tímpano dura horas, e a "tentação" não tem limite no tempo. No começo, mesmo se a vítima diz a verdade ou admite-a, prosternando-se e humilhando-se, aceitando todas as acusações que lhe são aduzidas, qualquer de suas palavras será tomada com insultos e com os berros de contradição. O pobre prisioneiro é cercado de homens que o olham com ódio e desprezo, que lhe gritam e cospem na face, ameaçando-o com os punhos. No final do dia, é levado a uma cela e deixado lá com pouca ração e a promessa de que no dia seguinte será pior. Na cela, é vigiado ao menos por um membro da brigada encarregada de sua "tentação". Depois de três ou quatro dias, a vítima começa a inventar qualquer culpa, devendo ser suficientemente monstruosa para se lhe dar paz. Depois de uma semana, está pronta a fazer qualquer coisa que se lhe peça. Na China, o pensamento tem a mesma importância que a ação, e a "tentação" é a arma mais eficaz para o controle dos pensamentos.

A “tentação” é uma das realidades do velho cotidiano na sociedade civil chinesa, onde as caixas de denúncia proliferavam em todas as cidades semelhantes a caixas de correios. As mesmas caixas existiam assim tanto nas prisões como nos campos de concentração. A denúncia representava, é claro, a pedra de fundamento de todo o sistema. Os diretores das prisões lançam campanhas de denúncias para apoiar outras campanhas de reforma ideológica. Sem mencionar os exames ideológicos incessantes, baseados na crítica e autocrítica. Pasqualini resumia assim as regras essenciais do exame ideológico:

> O ideal seria que a confissão fosse espontânea e voluntária, que se produzisse automaticamente, como uma reação física, no mesmo instante em que infringias uma regra ou cometias um erro. Quando as coisas não acontecem assim, então os outros detentos devem “ajudar”, com paciência, o culpado, para que ele reconheça seus erros ou crimes. No caso em que a “ajuda” não dê os resultados esperados, o culpado deve ser criticado, respeitando-se o princípio: “não temos nada com o culpado, mas apenas com a culpa dele”. Afinal, se todos os outros métodos falharam, o culpado deve ser apenado com a “tentação” ou o cárcere. [...] A primeira vez que vi os prisioneiros agradecendo ao governo e aos vigias pelas penas recebidas, vi-os com espanto e desprezo. Mais tarde, quando, a meu turno, passei pelos exames ideológicos, tornei-me semelhante a eles, mas com uma pequena reserva mental: não agia assim senão para salvar minha pele. Mas, até o fim, chegara a crer de verdade [...], e quando meu zelo foi recompensado por sinais de aprovação, reagi favoravelmente. Lancei-me cada vez mais avançado em longos discursos incoerentes contra o imperialismo, contra o revisionismo soviético, contra o melhor modo de servir o povo e outras matérias na ordem do dia. Prestava cada vez menos atenção a meu modo de outrora avaliar objetivamente a vida, até o momento em que me tornei completamente estranho ao racionalismo frio que aprendera nas escolas de missionários católicos, quando era criança. Sofrera “lavagem cerebral”. Ou pode ser que tenha me adaptado. Era mais fácil assim.

Jean Pasqualini conduz ele mesmo “tentações” a que se submetem seus camaradas. Mais ainda, sente os guardas da prisão como irmãos ou pais. Nos últimos meses de prisão passa a ser um prisioneiro modelo.

> Lembro-me que, quando o vigia Ten me repreendeu por ter conversado na cela depois do apagar da luz, tive remorsos sinceros. Disse a mim mesmo que pode ser que tenha impedido meus camaradas de dormir, o que teria conseqüências sobre a produção, fazendo-a cair [...]. E, no verão, adquiri o costume de andar descalço, para fazer economia para o governo: um par de chinelos a menos.

Uma reeducação total bem-sucedida não apenas no que diz respeito a Pasqualini; a maioria dos detentos jogava o jogo, e a solidariedade era derrubada pela denúncia. Nas prisões, não, porém, nos campos de concentração. Sem explicar a contradição, Pasqualini a descreverá ao longo das páginas do livro consagrado aos campos de concentração, em que a solidariedade dos detentos parece tão total, que desapareceu até a lembrança da denúncia. Por exemplo, representa uma exceção a presença de um alcagüete numa tenda.

Numa entrevista concedida ao jornal *Le Figaro* — da qual já citei —, Pasqualini, comparando o Arquipélago Gulag com os campos de concentração chineses, faz um quadro quase idílico destes últimos:

> Na União Soviética, todo o escopo era apenas humilhar os detentos, destruí-los fisicamente. Nos nossos campos de concentração não havia brutalidades. Ao longo de minha detenção, não vi senão uma única execução, a de um homossexual. Os vigias chineses não são brutos sádicos, mas educadores, confessores. Para eles, o homem representa uma riqueza que não deve ser deteriorada. Os vigias são incorruptíveis. Comem melhor do que os detentos, mas a diferença não é enorme. Eis porque entre os vigias e os prisioneiros se estabelece uma coexistência pacífica. Nos anos em que me encontrava nos campos de concentração, a situação econômica era desastrosa. Mas, se trabalhávamos, éramos mais bem alimentados do que os camponeses. Algumas vezes, víamos filmes novos que os moradores de Pequim ainda não tinham visto.

Não seria a primeira vez que Pasqualini desmentiria Pasqualini. Não sabemos como teriam sido então alimentados os camponeses. Mas Pasqualini consagra páginas memoráveis à fome que grassava entre os detentos. Alguns dentre eles debicavam grãos de milho não digeridos da bosta de cavalos, outros comiam os vermes da bosta de vacas e de bois. A administração inventava "alimentos de substituição" e os testava com os detentos, entre os quais pasta de papel, que leva a certos resultados que renunciamos a descrever aqui. Os mais fracos ou mais velhos dentre os prisioneiros morriam aos montes. É certo que, nos campos de concentração chineses, ao contrário dos soviéticos — ou romenos —, os guardas não tinham o direito de bater nos detentos. Em troca, os detentos

não dispunham de um único instante de solidão. Estavam sempre ocupados, quando não trabalhavam, com “reuniões de estudo”.

> Essas reuniões intermináveis de estudo são a grande invenção chinesa em matéria de teoria penal e a principal diferença dentre os campos de concentração chineses e os soviéticos. Um prisioneiro chinês não dispõe de maneira prática de absolutamente nenhum instante para pensar por si mesmo.

Ficar-se-ia, evidentemente, por saber qual é o pior dos males, a brutalidade dos guardas ou a solicitude extrema deles para te desembaraçarem de qualquer vestígio de pensamento pessoal. Mas mais interessante do que esta escolha inútil entre dois males — quando ambos devem ser rechaçados como fazendo parte do mesmo arquipélago do inumano — parece-nos o “pensamento duplo” de Pasqualini. Ou sua consciência dupla. O reeducado Pasqualini, prisioneiro-modelo, que vê nos guardas confessores e irmãos mais velhos, será o mesmo que protegerá um padre católico. Não apenas não o denunciará pelas preces ditas em murmúrios, mas o avisará da chegada do guarda, no instante em que oficiava uma missa de Natal. Não apenas Pasqualini, mas também todos os outros prisioneiros da brigada protegem esse padre — a quem, igualmente, alguns dentre eles se confessam — contra o único alcagüete da pequena coletividade. Mas Pasqualini, prestes a morrer, mais de inanição do que de doença, é cuidado pelos seus colegas de detenção que tiram de sua própria comida para salvá-lo. E, quando lhes pergunta por que, recebe a seguinte resposta: “Porque és francês, portanto, o único dentre nós que tem uma chance de sair um dia e contar o que acontece aqui”.

Será a resposta modelar de reeducados, ou a frase típica de alguns prisioneiros conscientes da infelicidade de seu estatuto de prisioneiros e que esperam que algum dia as pessoas saibam de sua sorte? A confissão de Pasqualini é um documento único, porque descreve uma semifalha ou um semi-sucesso: a reeducação total, a verdadeira lavagem cerebral, assim como foi sonhada pelas autoridades chinesas, não pode ser realizada. Mas, ao mesmo tempo, o condicionamento foi bastante forte para, dez

anos depois de escapar da China, Jean Pasqualini escrever um livro em que é incapaz de tirar conclusões de suas próprias experiências.

*** O *fenômeno Piteşti* parece-nos que ultrapassou em horror — felizmente, não em duração — a reeducação de tipo chinês. O paralelo entre essas duas experiências de destruição do psiquismo impõe-se, por si, sobre qualquer que sejam as explicações deste estranho paralelismo que encontrarão os historiadores de amanhã.

Hoje, cabe a nós, contemporâneos dessa degradação, deste projeto demoníaco (no sentido em que Malraux e Bernanos discutiam acerca do reaparecimento de Satanás, senhor deste mundo, à luz dos campos de concentração), coletarmos para a memória de amanhã aqueles quantos elementos que definem o *fenômeno Piteşti*. Para a necessidade desta memória, não nos dirigiremos, no final, tão só a Soljenítsin, o explorador por excelência, o descobridor do novo continente da abjeção totalitária moderna, o *Gulag*, cuja dimensão ele impôs a uma consciência ocidental até então sonolenta, mas também a Nadejda Mandelstam, que consagrou a existência a um único esforço: arrancar do esquecimento o destino de Ossip Mandelstam, morto num campo de concentração stalinista e, juntamente com ele, o destino de toda uma época.

> Ninguém escuta, pronto, estamos fartos, os jovens já não estão interessados em algo assim. [...] Mas eu afirmo que não há limite no tempo, que deve sempre ser repetida aquela mesma coisa, que devem ser trazidas de novo à tona todas as infelicidades sofridas e todas as lágrimas derramadas, para fazer com que os homens entendam as causas das coisas acontecidas e das que ainda estão acontecendo. [...] Não me interessa nada das assim ditas "realizações", persiste muito forte em minhas narinas o cheiro das câmaras de gás, muito as memórias da prisão, muito insistente na mente a literatura ignóbil que sabe o que deve mostrar e o que deve esconder. [...]. Hoje, de novo, é proibido te lembrares do passado e, muito mais, "falares desse passado". [...] Reconheceu-se antes que foram cometidos alguns "erros", mas agora não se descobre mais nem um erro. Mas podes por acaso considerar erros certas ações que fazem parte de um sistema e que são as conseqüências das teses fundamentais deste sistema?

A ninguém é permitido esquecer que, entre 1949 e 1952, desenrolou-se na Romênia a "experiência" que procurei descrever e que, de um arquipélago de horrores, uma das mais odiosas ilhas chamou-se Piteşti.

Deo gratias, *Kalendis Maiis*, MMXIV

Notas de Rodapé

1 Este prefácio acompanha a tradução francesa de Virgil Ierunca — Piteşti, laboratoire concentrationnaire [Piteşti, laboratório concentracionário], Michalon, Paris: 1996 [n.ed. romeno], pp. 11–15.

2 Jean Pasqualini, Prisonnier de Mao, Gallimard, 1975.

3 Ministerul Afacerilor Interne [Ministério dos Assuntos Internos].

4 Extensos fragmentos destas páginas foram divulgados em 1975–1976 na rádio Europa Liberă. A primeira edição deste texto apareceu na coleção Limite, Paris, 1981.

5 O testemunho de G. Dumitrescu, Demascarea [O desmascaramento], publicado em romeno no Ocidente em 1978, portanto, quando este livro já estava terminado, não nos parece modificar o que se acha aqui. Mas o livro de Dumitresco deve ser necessariamente lido, porque, neste domínio em que são tão raros os testemunhos, pelos motivos que analisamos, a descrição de uma experiência direta é insubstituível.

6 Dostoévski, Os demônios, trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960, Segunda Parte, capítulo 4, p. 344.

7 E mesmo no grupo inicial dos primeiros executantes circulavam versões segundo as quais alguns deles tinham sido torturados previamente.

8 Ana Pauker, nascida Hanna Rabinsohn, (28 de dezembro de 1893, Codăeşti, Vaslui), morta em 3 de junho de 1960, em Bucareste, foi uma militante comunista ilegalista da Romênia, líder do grupo “moscovita” do Partido Comunista Romeno, vice-primeira-ministra e ministra das relações exteriores da Romênia entre 1947 e 1952. Em 1952, Pauker foi afastada por Gheorghe Gheoghiu-Dej do poder e do Partido, juntamente com Vasile Luca e Teohari Georgescu, sendo os três acusados de fazer parte de um grupo antipartido — nt.

9 Sigla de diclorodifeniltricloroetano, primeiro pesticida moderno — nt.

10 Todos os protestos internacionais, da Amnesty International ao Comité des Intellectuels pour L’Europe des Libertés (ciel), de Mircea Eliade a Eugen Ionescu, não obtiveram, até o momento atual (ou seja, até o lançamento da primeira edição deste livro, Editora Limite, Madrid, 1981), a libertação dele. [O Padre Calciu (1925-2006) saiu da prisão somente em 1984, e em 1985 foi obrigado a sair definitivamente da Romênia — ne].

11 Gheorghe I. Tătărescu (Târgu Jiu, 1886 – Bucareste, 28 de março de 1957), foi um político romeno que ocupou duas vezes o cargo de primeiro-ministro (de 1934 a 1937 e de 1939 a 1940), três vezes o cargo de Ministro das Relações Exteriores (interino em 1934 e 1938 e nomeado de 1945 a 1947), e uma vez o cargo de Ministro da Guerra (1934). Representando a facção "jovem liberal" dentro do Partido Liberal Nacional (pnl),

iniciou sua carreira política como um colaborador de Ion G. Duca, tornando-se conhecido por suas idéias anticomunistas.